

anos que sempre encontrarei, em todas as
circunstancias, polido e leal.

Estou convencido de que no futuro se
fará justiça aos meus merecimentos de ar-
tista.

Coinbra.

Dezembro: 18.

Estive hoje a ouvir, pela telefonia
seu fio, um ~~concerto~~ pianista a tocar mu-
sicas de Chopin: o que hoje se chama
recital. Acabei o recital um pouco atur-
dido... Porquê?

Já em rapazote a musica de Chopin
me impressionava muito. Lembrou-me de
que fiz um soneto, que depois rasguei, re-
lativo á impressáo que me deixava uma
tal musica; começava por dizer que não
era apaixonado por esta ou aquella musica
mas que a de Chopin me deixava sensi-
bilizado a ponto de enternecimento e ter-
minava por dizer que sendo musica dum
lírico era, por consequencia, « dos que
pensam, que choram e que meditam... »

Este ultimo verso está exacto, lem-
bro-me muito bem: musica « dos que

pensam, que choram e que meditam...»
 Eu tinha entre 17 ou 18 anos, estava no
 período romântico da vida.

Mas a verdade é que, apesar de já lá
 ir meio-século ou mais, a musica do ce-
 lebre polaco ainda me impressiona e tal-
 vez em maior grau. Este recital acabou
 e eu tinha os olhos raios de agua.

Porquê?...

Sensibilidade?... Sensibilidade mais
 apurada?... Ou na realid., como dizia no
 soneto, a musica é dos que pensam, que
 choram e que meditam?

Lisboa.

Desembarco: 23.

De novo em Lisboa. Esta vida de sal-
 tos continúa p.º meu mal.

Que lhe hei-de eu fazer?

Tem de ser assim até á consumação
 dos seculos...

E depois... sempre que aqui chego, ha
 uma nova adaptações ao ambiente. Nesta
 rua de S.º Amaro, á Estrela, embora rua
 secundaria, sinto com amargura um
 dos aspectos desta terra — a que a nova

linguagem oficial chama a capital do Império. Esse aspecto é o da miséria.

A impressão que me causa a serie de prepões que oíço na rua, lançados por vozes roucas em geral, quer chova quer faça frio! O esforço que deve representar esse afan dos tabuleiros com peixe, das canastros com fruta, da venda das caixetas com a "porté grande", de variados artefactos em baldos, do "lataeiro á porta" ou do pitoresco "deita-gatos"! A luta pela vida que tudo isto representa!

Hoje de manhã, passei em frente da janela onde me trabalhava um tabuleiro cheio de peixe conduzido por um homem e uma mulher, ambos mal vestidos, aspecto miseravel. A mulher, de meia idade, emburrada num chaile um pouco esburacado, parecia afagueada com o esforço do carrêgo; o homem sentou-se ligeiramente num dos braços do tabuleiro, como a descansar. Nisto, ao fundo da rua um cêgo que toca concertina rompeu com uma canção agora m.^{to} em voga; parece q. uma onda de alegria subiu por entre o casarêdo e amoleceu a frialdade do ambiem

te — e eu vi então a mulher que me parecia acalorunhada pelo trabalho, sair fóra dos varais do tabuleiro e começar a dançar ao ritmo da musica...

A impressão que isto me fez! Porque aquella dança não seria mais do que um escape para o tormento da miseria; na expressão da mulher não havia a natural alegria de quem se sente bem disposta para dançar; o rosto continuava vincado e severo, o corpo é que sacacoteava...

O que se passaria naquele cerebro habituado a poucas lembranças? E aquella disparid. entre os movimentos coreograficos e a expressão do rosto, deu-me que pensar.

Em certa altura o homem, levantou-se e disse com naturalid.:

— Oh mulher! vamos a isto!

Ambos empunharam os varais do tabuleiro e peguaram-na acima com o frego ~~de~~ pouco compreensivel de «fresca fresca!»

E ao fundo, a mesma canção alegre da concertina continuava a ouvir o seu trilhete de alegria.

Tudo isto me faz impressão. E embora deseje vir para Lisboa residir, a verdade é que, quando for aqui a bordo, sinto a lembrança constante do sossego da minha casa de Coimbra.

Mas a vida não é o que queremos que seja. Adeante.

Lisboa.

Dezembro: 31.

Acaba hoje mais um ano. O dia é como outro qualquer, mas todos sentem que há qualquer coisa especial que se presta a comentários.

Acabou o ano... Não lhe faço elogio porque para mim são todos máis — e não espero que o que entra amanhã seja melhor. Já não conto, no resto da vida, com qualquer alegria.

Ontem fei ouvir, ao Conservatório, o Luis de Oliveira Guimarães numa conferencia acerca de D. João do Camara cujo centenário se celebra desde há dois meses com certa dignidade.

Esta conferencia ou antes e melhor esta palestra parece que encerra o pe-

riodo das comemorações — e encerrou — o
 seu sermão que se poderá chamar gracioso.
 O Oliv.° Guimarães não tem nada de profun-
 do, é sempre ligeiro, um tanto ou quanto
 superficial, mas tem graça e sabe empôr
 as narrações com certo espirito e certa ele-
 gancia de modo que se ouve com bastante
 agrado. Cantou, especialmente, anedotas
 e ~~em~~ repetiu certos ditos agudos ou simples-
 mente irónicos atribuídos ao dramaturgo;
 disse tudo em linguagem corrente sem es-
 quecer louvâ-lo á "fidalguia", ou á "no-
 breza", de sangue do polve d. João da Câmara
 ra que, segundo ouvia dizer, era o mais
 atrevido possível a essas minharas.

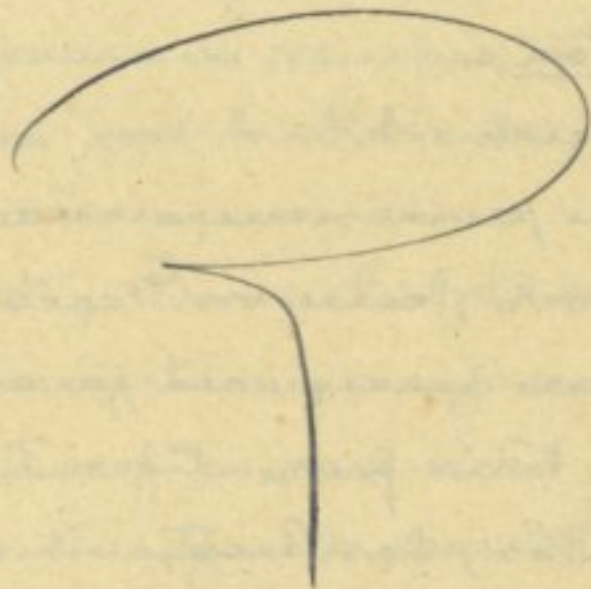
Por fim, passou-se uma hora muito
 bem, sem cansaço, em ambiente sim-
 pático não só da sala em si como da pro-
 pria assistência.

E assim o ano acabou, com esta re-
 cordação de um palestrante amavel come-
 morativa dum homem de letras que era
 ao mesmo tempo um excelente homem,
 religioso sem hipocrisia, bondoso sem
 vaidade e trabalhador sem ambições.

Talvez fosse um caso raro no tempo
em que viveu; e hoje, á luz da quadra q.
atravessâmos, será um caso excepcional.

Paciencia.

E assim o ano acabou...



~ 1953 ~

Lisboa:

Janeiro: 1.

Está estor, mais uma vez, no começo de ano novo, com m.^{ta} coisa para dizer, mas sem paciência para isso.

É o que teria para dizer?... Lastimas, aborrecimentos, desilusões — mais nada! Não encontro na vida outra qualquer consolidação que não seja a dos aborrecim.^{tos}, a das lastimas e a das desilusões.

É p.^o começar o ano aqui não com o que, aliás, nada tenho, mas que me mereceu reparo:

Conheci em Coimbra, desde raparinho do Liceu, o João Rodrigues da Silva Couto hoje director do Museu de Arte Antiga. Nesse tempo era chamado familiarmente entre amigos do Tio Manuel Aug.^{to} Rodrigues da Silva, o «Joãozinho.» Foi crescendo e foi

maudo a sua mentalid. á Coimbra do Rio
 que era velho liberal e republicano, e do
 grupo que se reunia diariamente na sua
 drogaria na rua da Calçada, drogaria cui-
 to conhecida como foco republicano e libe-
 ral. Era figura principal nesse grupo o
 professor Ant.º Augusto Gonçalves; por lá
 passou e passava sempre q.ia a Coimbra
 o dr. Antonio José de Almeida; lá se reu-
 niam velhos meaçous como Alípio Roque
 de Sá Barreto, Manuel Ant.º da Costa, Frede-
 rico Graça e outros; mas ao mesmo
 tempo lá iam f.ª a conversar o conego Ben-
 dencio Simão Garcia, erudito investigador,
 o coronel Arsénio Moreira, do regimento
 23 de Infant.º, etc. etc.

O João Couto foi, pois, um produto do
 ambiente e como tal sempre o conside-
 rei: republicano, liberal, anti-catolico
 ou pelo menos indiferente em materia re-
 ligiosa. Quando tudei mais de perto com
 ele em Coimbra, nunca suspeitei nele
 outro qualquer modo de ser.

A certa altura veio para Lx.º e aqui
 foi subindo de situação em situação até di-
 rectar do subipo Museu das Janelas Ver-

das oude, aliás, creio que faz bem ler.
 Já foi vereador da Câmara e julgo que
 ainda integrado na actual situação política.

O que, porém, não sabia e que hoje eu
 vi em conversa de acaso e sem intenções,
 é que está católico praticante... Aos do-
 minguos, á missa do meio-dia, na basilica
 da Estrela, comparece reverente, com li-
 vro de orações, como velho crente.

Que pensar?

Assim começo o ano de 1953 — com
 má língua.

Lista:

Janeiro: 17.

Depois dum ~~ataque~~ ataque de gripe q.
 me prendeu a casa bastante tempo, tive
 hoje a desforra com um concerto ou recital
 (como apara dizem) do pianista Benno Mo-
 reiwitsch, considerado um dos melhores
 artistas actuais do piano.

Não sei que dizer. O homem é real-
 mente grande artista; soube sinceram.^{te}
 as peças de Chopin que ele interpretou ma-
 gistramente; mas, com franqueza, a

grande eucheute da casa e a juizicao elevada em q. estava, numa 2.^a fila de balcão de 2.^a ordem, mas me deixavam tabuer concentrar devidamente.

É certo q. eu poderia fechar os olhos e limitar-me a ouvir; mas tambem é natural que se deseje ver o artista nas suas atitudes.

Os juizes exorbitantes dos typanes me thores assim quizeram.

Lisboa.

Janeiro: 21.

Compareci hoje, 4.^a feira, na Terrista Militar, á reunião costumada de amigos não só do Pires Monteiro como da propria revista. É habitual nestes dias o Vitorino Guimaraes, sempre vivo de espirito, fuma dôr impemiteute, que vai contando uma vez por outra, entre frauxos de tesse, qual quier caso da sua vida de politico.

Eu, verd.^o seja, costumo provocar esses capitulos interessantes dum passado que a actual situação tem interesse em denegir. E hoje paui este caso que não resisto a resumir aqui, pois o Vitorino não escreve

memórias meu está disposto, segundo me disse a escrevê-las.

Ele, Vitorino, com o embaixador Teixeira Gomes, foram em certa época à Sociedade das Nações a uma reunião de ministros para tratar de assuntos de carácter economico. Era ele, então, ministro das Finanças e levava, entre outras incumbências, a de fazer aprovar uma convenção sobre as marcas industriais. Para isso, antes da apresentação da proposta, procurou apoios e encontrou-os nos delegados da Espanha, de me não esqueço nos da Belgica e Holanda e ainda no da França, no então presid.º do ministerio, o celebre Barthou, pessoa de prestigio e influencia na assembleia.

Seguro, pois, da aprovação, certo dia apresentei, conjuntamente com a Espanha, a proposta da convenção e viu com regozijo que foi bem recebida e marcado dia para a sua votação. Nos bastidores da S. D. N. falava-se no caso como coisa arseute e os delegados portugueses não pensáram mais no assunto — que era, afinal, assunto arremado.

Chegado o dia da votação, o ministro da Economia da Itália que na assembleia representava o seu país, pediu a palavra e criticou asperam.^{te} a proposta, terminando por dizer que se ela fosse aprovada a Itália re-
tiraria da assembleia a sua delegação. Grande espanto em todos! Os dois portugueses entre-olharam-se como quem procura expli-
cação para a reviravolta...

Procedeu-se á votação: a proposta foi re-
jeitada. Votaram apenas a favor Perbupal e
(houve the seja!) a Espanha.

O Vitorino Guimarães ficou abarrecido. O Teix.^o Gouveas, mais ceptico, pretendeu con-
pola-lo, explicando certas incongruências
das assembleias internacionais. E quando
acabou da conferencia e iam os dois falando
do assunto, o Vitorino sentiu bater-the no
ombro e uma voz dizer-the:

— Você deve ir zangado...

Era o Bartheu, com um bom sorriso,
que the dizia:

— Não se admire da reviravolta. As coi-
sas são o que são...

E perante qualquer frase do Guimarães
que significasse mais ou menos a extra-

nhesa causada pela falta de cumprimento a um compromisso, o Bartheu voltou á carga com o mesmo amavel sorriso:

— Não extranhe, meu Am.^o, não extranhe... É que de certo não sabe que o F... (e citou o nome do ministro italiano que fez a opposição) é o director de uma grande empresa de Vermouth fabricado, empresa importantissima em Italia. Já vê que lhe não convinha a concessão das marcas... a empresa teria de fechar as portas...

E o Guimarães terminou o episodio com um freixo de tosse de fumadôr e um encolher de ombros de homem desiludido.

Ele ainda lhe disse:

— Porque é que você não escreve essas coisas todas por que passou? Que be los episodios poderia contar!

Ele voltou a encolher os ombros e lançar novos fumadas do cigarro.

• E agora, p.^a per veridico e não estar a inutilizar o que fica escrito: faço uma rectificação que é devida. A assembleia ou conferencia em que se deu este caso

não foi na Sociedade das Nações, mas sim em Genebra, numa reunião de primeiros ministros das nações aliadas na guerra de 1914-1918, ou seus representantes. Assim é que fica certo.

Nesta reunião da Revista também se disse que o Salazar tinha, nos fins de dezembro, um ataque cerebral, embora ligeiro mas que o deixara abalado.

Afirma-se o caso como verdade, bem como o facto de ele superior ao Coronel Lopes um futuro sucessor — superior que este não aceita.

O que haverá de verdade nesta segunda parte? O mistério é uma das bases desta actual situação política.

Lisboa.

Janeiro: 27.

Vem hoje nos jornais da noite esta notícia: «Passou de 1.º Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra para director da Biblioteca de Braga, o dr. Antonio Gomes da Rocha Medail.» A notícia é estranha, mas não é caso de admiração.

O Madail é creatura m.^{to} especial. Breve que já aqui tenho deixado impressões a seu respeito. Ultimamente incompatibilisou-se com o director do Arquivo, como se incompatibilisou com m.^{tas} outras pessoas e arranjou uma bolsa de estudos qualquer, da Junta da Educação, que durante um anno o afastou oficialmente do Coimbra. A vaga deixada pelo Azevedo Teis, na Bibliotheca de Braga, veio como póla no mel... E apesar da resumeração ser ilegal porque o Madail não é licenciado nem tem o estágio e curso de bibliotecario-archivista, a verd. e que lá vai para Braga saltando, de certo, por cima de outros concurren-tes que teriam direitos.

Coimbra vê-se livre do Madail... E o Madail consegue fudir a uma situação que se lhe tornava m.^{to} difficil de manter. Além disso, um grave desgosto domestico ajudaria esta resolução: a filha mais velha, sempre com tendências mysticas e de sejos de professor, desta vez, aproveitando a ausencia temporaria dos pais, abandonou a casa e recolheu-se á ordem de Santa Lita, onde está trabalhando como crea-

da nos serviços infirmos da instituição, como sejam lavar a louça, esfregar solarados, etc. Isto abalou muito, como é natural, os pais e o abalo contribuiria para a resolução.

Seja como for, Coimbra vê-se livre do Madsil e Braga, com a ajuda das varias aguas lentas ecclesiasticas, deve ser ambiente razoavel...

Lista.

Janeiro: 23.

Telefonei hoje para o Estado-maior, ao major Henrique, com o fim de saber em que altura ia o processo do meu Saldanha. Disse-me este official que chefia a secção por onde passam estes assuntos, que o original do tratado está agora nas mãos do Ten.-coronel Jorge Apolinario Leal e que depois iria para as do coronel Alberto Faria de Moraes, Director do Arquivo Hist. Militar.

Aquele Jorge Apolinario, é irmão do meu amigo Apolinario José Leal, actualmente professor no Liceu de Ponta Delgada. Tive sempre a impressão de que não vale, intellectualmente, um pataco furado; mas mesmo assim lá entrou no quadro do Estado-maior

sude, aliás, entráram e continuam a entrar, muitas cavalgadas. No curso dele como não houvesse outro rapaz de apelido Leal, chamáram - lhe o « Leal burro » para não haver confusões.

Pois é na mão do « Leal burro » que está o meu trabalho. Que relatório sairá?

Começo a arrepende - me de ter cedido ás instancias do Saturno Pires e do Meneses. Foi transigencia de que me não desolvo embora os transmittes republicanaes corram bem e o subsídio seja concedido.

Esse fim... Vamos a ver.

Lisboa.

Janeiro: 29.

Assisti ontem a um espectáculo do Ballet Janine Charrat no novo teatro Monumental, á praça Saldanha.

Pouco habituado como estou a ver as interpretações musicais através de bailados, a verdade é que não fiquei completamente convencido. A apresentação excelente, trabalho que se poderá classificar de primoroso, a musica da melhor (K. Sauerhoff, Tchaikowsky, Pravel-Debussy, Prokofieff, etc.), mas nem

todos os números eu compreendi. É necessário saber ou explicação ou insistência em ver tais espectáculos. Assim, com a minha falta de habito, pouco se desorve das intenções do Ballet.

Gostei, contudo, do q. vi — e quero crer que, com a continuação, poderei entrar nos segredos dessa arte tão cheia de subtilidade, de elegancia e de alegre commoção.

Não sei se digo bem. É porém o que o meu espirito concebe no que respeita ás nossas interpretações musicais.

Lisboa.

Fevereiro: 2.

Outem, conferencias acerca de baldas Xavier, em sessão commemorativa, na Sociéd. de Geografia, do centenario do nascimento do notavel africanista.

O convite annunciava o Carlos Affonso dos Santos (o Carlos Schwagem) e um certo Joaquim Louca, como oradores da noite. Eu tive curiosid. de ir ouvir o Carlos Schwagem e fui. Casa cheia. A presidencia da sessão occupada pelo presidente da Sociedade, o "eminenté cabotino", que se chama

Antonio Augusto Mendes Carneira, ladeado pelo não menos eminente jesuíta Braga Paixão e pelo general Santos Carneira que foi meu companh.º em baxias nas aventuras do generalato.

Começou a sessão pelo Joaquim Lauça que sem complacencia pela atenção dos ouvintes, falou hora e um quarto sem verdadeiramente dizer coisa em termos. O cavalheiro que creio ser "cavalheiro de industria" politico, é orador facil, fluente, com certa elegancia de frase, bastante retórico, com uso e abuso de tiradas laudais; pareceu-me q. se sentia bem a discursar, que se marcava na sua sua facil elegancia. E ao fim de hora e um quarto, o pobre Caldas Xavier soffreu torturas no discurso seu que se misturaram alhos com luyathos, sem official se ficar sabendo quem foi o illustre e tenaz africanista cujo centen.º se celebrava. Afinal o sr. Lauça deixou-me a triste impressao de um autentico aldrabao a quem antezaram a lapaar talroseiras a proposito da memoria dum homem que merecia mais respeito e mais compostura e que foi exactamente o contrario do discursador

galanteoso que só quiz tirar efeitos sonoros das frases laudais e efeitos cômicos da sua boa figura e da sua casaca bem talhada.

Quando o Carlos Selvaque se levantou para falar já a assembleia estava cansada. Este, porém, serenam.^{te}, leu um trabalho bem feito que subtitulou Caldas Xavier, grande sold.^o de Mocimbuque, com traços biográficos e comentários sobre a acção do notável africano. Foi ouvido com atenção e curiosid.^e mas percebeu-se no auditorio que havia certo cansaço. A leitura levou cerca de 45 minutos e a figura de Caldas Xavier ficou bem delineada. Foi pena que não tivesse sido o primeiro a falar; seria ouvido com mais atenção e a leitura do trabalho que estava feito com elegancia, proporções e bastante documentado, teria agradado mais. E até a apresentação soleria e correcta, sem aparatos ou vislumbres de vaidades, ajudaria ao agrado geral.

Quem dirigiu ou organizou a sessão não soube impôr um plano sério; e assim o tal sr. Louca sentiu-se ás soltas e entendeu q.^e devia largar as velas á fantasia e abusar da complacencia do respeitá-

vel publico e deixar em má situação o
parceiro da sessão.

No final, o Mendes Correia, ao encer-
rar a sessão, desatou a contar episódios
do ~~esse~~ tempo do Ultimatum e das campa-
nhas africanas e castigou o auditorio ain-
da por uns 20 minutos. Sempre o mes-
mo balofo loureiro de ciência, o mesmo
"eminente cabolino".

É ponto final.

Lisboa.

Fevereiro: 8.

Recebi hoje carta do Alberto Meira, do
Porto, que me anuncia a publicação duma
revista de cultura saída da Tertulia das
ciúco e meia bem como dum dicionário
dos artistas plasticos em Portugal. E, bem
entendido, solicita a minha « valiosa cola-
boração. »

Este Alberto Meira que eu não conheço
pessoalmente, infileirou no numero dos
meus "admiradores", e não me larga. É
criatura trabalhadora, sabedora de assun-
tos ligados com a historia da Arte, mas
dizem-me que é espirito irrequieto, jou-

co persistente e conflituoso. Assim seja. Comigo, porém, não haverá novidade.

Vou-lhe dizer que sim, que poderá contar com a m.^a ajuda, em assuntos do meu conhecimento.

O pior é que nem sempre estou em casa; e só lá é que sei poder ajudar.

Assim. Seja o que o Supremo Architecto entender e houver por bem...

Lisboa.

Fevereiro: 10.

Hoje, em S. Carlos, ouvi a ópera de Weber, Freischütz. Para quem, como eu, conhece a música da obra weberiana do começo ao fim, o espectáculo foi verdadeiramente de pura emoção.

E esta emoção não veio só do conhecimento da música, mas em especial porque, nos meus tempos de rapazinho, eu toquei quasi toda ela em dueto ou terceto: eu com m.^a irmã Cesalkina ou em trio com meu tio João Baptista. E como ao longo do espectáculo me lembrava desses recuados tempos, sentia a emoção natural das recordações ligadas á não

meus: natural emoção da bela musica
que a nossa Orquestra Sinfonica ia tocar
do caso Grimm e Britho.

Sai impressionado do teatro. Uma
revista de pensamentos que remonta-
ram a meus de meu reculo e as pensa-
ções do desenvolver da opera — deixaram-
me no espirito qualquer coisa de pesado
mas ao mesmo tempo de consolo.

1.^a recordação aqui fica o bilhete que me
deu direito, por 7500, a tão benéficas con-
solações. Nesta vida tormentosa que se
atravessa, ainda vale bastante o refugio
da musica boa e a lembrança de tempos
melhores.

Teatro Nacional  de S. Carlos

Temporada de Ópera de 1953

MATINÉE

2.^o Espectáculo da Ópera
FREISCHÜTZ

Fila **G** CADEIRA N.^o 10

Preço } Assinatura 60\$00
Avulso 75\$00

Lioba.

Fevereiro: 12.

Ontem, eu, m.^a Mulher e m.^a Filha passámos a noite em casa de D. Maria Lima, a filha do falecido Ferreira Lima.

É claro que, ás duas por três, os seres transformou-se em seres garretteaus.

Nem podia deixar de ser. Naquelas três salas da frente do prédio, o Garrett está verdadeiramente imaneente. Sem se querer, evoca-se Garrett a todo o passo. Os quadros, os bustos, os livros, varias bugigangas num pequeno armario envidraçado, tudo nos leva, inescusavelmente, para a evocação do Poeta, quasi deus tutelár da casa...

Ferreira Lima não foi colleccionador vulgar; o seu interesse pelo autor do Fr. Luis de Sousa tinha mais o aspecto de culto do que espirito avaro de colleccionar. Na verdade a accumulção de tanta coisa preciosa obedecia a certo methodo logico, intencionalmente mais espirital do que material, cheio de admiracção pelo homem de letras e certo respeito pelo cidadão — e embora nesse accumular de documentos e de objectos pessoais haja uma ou outra especie insigni-

ficante, fica-se com a impressão de que se está num templo mais do que em residência burguesa.

Como m.^a filha não conhecia a notavel garretiana, a D. M.^a Lima mostrou, ao acaso, varias preciosidades em manuscritos entre os quais originaes para a imprensa, de certas obras, em que o Poeta ia emendando e limpando o que primeiro escrevia. Excelente material para edicões criticas! Pena é que o caso da entrega á Faculd.^e de Letras se não resolveu como se devia resolver.

No meio de tanta coisa preciosa, deu-mos no gôto uma carta de Garrett para Alexandre Herculano em que aquelle agradece a este a oferta de um fasciculo da Harpa do Crente, e faz considerações sobre a Poesia e sua evoluçã natural derivada de causas varias dos tempos q. corriam. Excelente documento e valioso depoimento, ainda inédito e creio q. desconhecido.

Enfim, noite cheia, das que lembram por m.^{to} tempo e deixam impressões fundas que eu não sei verdadeiramente traduzir.

Lisboa.

Fevereiro: 13.

Fui hoje ao Arquivo Hist. Militar não só para agradecer ao director, o coronel Alberto Faria de Morais o interesse que tem manifestado pela publicação do meu Catálogo e Sumario em separado, como também p.^a ver se sabia alguma coisa a respeito do meu trabalho sobre o marechal Saldanha que ele já deve ter nas mãos.

Acerca deste Faria de Morais creio ter já deixado aqui certas impressões. Mas hoje o homem appareceu-me mais ás claras, e de modo a confirmar as duvidas que tinha ainda a seu respeito. É na verdade um ratão; e a fama de reaccionario que lhe assecam ficou hoje confirmada.

Já recebeu os dois volumes do meu trabalho e acabou ha pouco de os ler. E, segundo confessei, tem muita pena de lhe ser entregue a missão pois o caso, para ele, implica com a consciencia — tanto mais que eu apresentava o marechal de uma maneira inteiramente oposta á que elle tinha desde sempre no seu espirito. Ao ouvir isto houve em mim qualquer movimento

na expressão fisionômica que lhe deu sinal do meu espanto e de certa interrogação.

Ele perceberia, com certeza, porque, com o seu ar sôrnio puxou dum cigarro e sempre a olhar p.^o o chão começou a explicar largamente a afirmação feita.

Contou, então, que há tempo, em conversa com o poeta José Régio, dissera a este que o escritor, de início, larga naturalmente as suas asas á vontade e escreve o que lhe dita a inteligência e a fantasia; porém, com o tempo e desde que começa a ter influencia nos leitores, deve precaver-se da livre expansão das suas ideias e das fantasias da sua inteli.^g para não orientar mal os que se deixam influenciar com as suas leituras. Nestes termos, entendia ele, Faria de Morais, que toda a obra deve ter finalidade orientadora e, no caso do meu trabalho a que não negava, aliás, o maior valor literario e historico, ele notava que a reparação que eu insistentemente fazia das qualidades militares do marechal das politicas, implicava um erro de interpretação possível para quem, desprevenidamente, lesse a obra. Isto é: para os velhos que, co

mas ele (Faria de Meraes) faziaem do marechal um conceito pouco lisonjeiro, nada importava a minha tese; mas para os outros, para quem o livro seria leitura atraente, essa tese era periposa, pois não considerava o marechal como figura digna de ser apontada como principal e muito menos como exemplo.

Eu ia ouvindo sem prestavejar e notando o ar rênna e ao mesmo tempo de certa satisfação velhaca com que ia expondo o seu modo de ver tão divergente.

Continuando, o coronel entrou a valer na sua argumentação, referindo passos da vida do marechal, como o do seu grão-mestrado da Maçonaria, a sua adesão aos vintistas e aos exaltados, as suas atitudes na emigração de 1828-1833, etc. etc. e lastimando que as suas qualidades militares fossem applicadas em lutas civis, entre irruções, etc. etc. e não na defesa das fronteiras.

O homem descoluria-se a pouco e pouco... O seu caso de consciência estava nos deslizes do marechal como Grão-mestre da Maçonaria, como vintista, como amigo de Lafayette; e terminou mais ou menos por

dizer que entendia que o Estado não deve-
ria subsidiar uma obra que pudesse dar
às novas camadas uma ideia alta dum ho-
meu que, de forma alguma, estava em con-
dições de ser apontado como exemplo. E isto
diria no seu curto relatório porque o meu
trabalho era de tal modo notável pela forma
literária, pela profundidade da investigação e
pelo brilho da argumentação que iria, de certo,
influenciar o leitor « desprevenido » e leva-
lo a encarar o meu trabalho como exemplo pa-
ra seguir, um novo Alfeu' Alvares digno de
exaltado culto.

Ao terminar esta longa exposição que,
diga-se de passagem, foi feita com facilidade
de palavra e com clareza, o Taria de Moraes
olhou então para mim, como p.^a ver o efeito
das suas palavras e concluiu com sorriso
que me pareceu encubrir certa velhacaria:

— Ora agora já estás mais aliviado da
minha consciência... Não queria que U...
viésse a saber por outros a minha descer-
dancia de oprimidos... devia-lhe esta explica-
ção como dever de lealdade.

E na verdade, a esse respeito, não há q.
dizer. O homem foi correcto. Poderia ter

dado a sua intervenção desfavorável ao
alreio do "confidencial".

Eu, então, fui o mais perfeito possível.
Dizse-lhe que tinha gostado muito de o ouvir,
que me era mais agradável a discordância
do que o teor pois aquela é sempre since-
ra, este pôde ser mentiroso. Agradei-lhe,
atê, a análise demorada que fez do meu tra-
balho que mostrava ter tido com atenção e im-
tensão comprensiva, etc. Mas a seguir en-
tendi que devia fazer um pouco a minha de-
fesa e desenvolvi com brevidade os meus
pontos de vista, afirmando antes de tudo q.
as acções militares do marechal e o seu va-
lor de commando se podiam m.^{to} bem separar
das acções políticas, e q. o meu trabalho visá-
va apenas a demonstração objectiva ~~com~~
dos seus dotes reais de chefe militar. Argu-
mentei conforme podia e cheguei a dizer-
lhe que nos muitos estudos que li acerca do
marechal Foch, de autores bem diversos e
mentald. diferentes, não encontrei a menor
referencia ao facto do grande chefe francez
ser catolico practicante e discipulo dos jesui-
tas. Bem, ~~com~~ aranguiei algum tempo
durante o qual me pareceu ver na expres

são do meu contraditor, com risumbros de
mesmo sorriso melhaco...

Assim seria.

E o mais interessante é que, quando
a conversa começava a decair, o Faria de
Morais, olhando para mim, diz-me com o
sorriso mais acentuado:

— Fais muito tempo: não quero deuo-
rar mais tempo V. Ex.

Fera uma despedida em fôrma... Levam-
sei-me, fizemos os cumprimentos cer-
ciais de despedida e eis-me no largo de S.^{ta}
Apolonia, em frente ao casarão da estação
dos carrinhos de ferro, á espera dum electri-
co que me levasse ao centro da cidade e, di-
ga-se a verdade, um tanto ou quanto aturdido
com o que se passára no abrigio.

Se o Faria de Moraes mantem, no ~~seu~~
relatório, o seu ponto de vista e alega que o
marechal Saldanha foi grão-mestre da Ma-
çonaria, o general Barros Rodrigues, que
deve ser medroso, indefere o requerimento.
Realmente, o Estado não deve subsidiar
uma obra em favor dum grão-mestre
maçônico...

E assim se vai vivendo.

Lisboa:

Fevereiro: 15.

Resolvi-me, ontem, a ir visitar o professor Fideleiro de Figueiredo com quem ha uns 40 annos me carteis, mas com o qual nunca falára.

Lá fui a cascos-de-rocha, por tarde desagradavel de ventania fria de nordeste que abraudou ao entardecer com uns cheiriscos. Custou-me a dar com a residencia, lá p.^a as proximidades da avenida do Aeroporto, numa rua secundaria a que guzeram o nome de Sr. Manuel Cardoso, carmelita 7. vivem do rec.^o 16.^o para o 17.^o e foi numero no tavel e que quasi ninguém saberá quem é.

Mas lá fui e lá encontrei uma residencia simpatica, rodeada dum pequeno jardim ainda em começo, com aspecto recatado e confortavel. E esse aspecto confortavel e simpatico redolerao ao abrir da porta e ao ver o pequeno vestibulo em que já havia estantes com livros, uns quadros, lousas artisticas, tudo em conjunto harmónico e agradável. Anunciei-me, veiu a esposa do professor receber-me e fazer-me

entrar para uma saleta cheia de estantes com livros na qual vi sentado numa poltrona com mantas sobre o joelho o Fidelino...

Tive impressão estranha. Esperava ver um homem robusto e magro, de fêra ou barba "à Guise", com aspecto de desencançado e vivo; e afinal vi um sujeito de cara rapada, com oculos, rosto mais ou menos redondo, envolvido em cobertores e duas grandes beupalas ao lado. Que contraste com o que eu imaginava!

Ao declarar o meu nome, o Fidelino teve uma expressão de alegria e apoiando-se nos braços da poltrona tentou levantar-se; a esposa quiz ajuda-lo, ele teve um ligeiro gesto de protesto e, ao fim de esforço, apoiando-se numa das beupalas, conseguiu equilibrar-se em pé. Só então, estendendo-me a mão direita, disse-me com voz um pouco grossa:

— Agora é que aceito o cumprimento de V... Seria cumprimentá-lo mesmo de pé, como deve ser...

Mas esse acto de vontade sobre a incapacidade física durou pouco. Voltou a sentar-se na poltrona pesadamente e a emburrar as

pernas com os colchares que tinham caído. Ali estava o dinâmico Fidélino de Figueiredo, amarrado a uma cadeira, vítima de doença de espinha q. lhe paralisava as pernas e ligeiramente a fala; em vez do desembaraçado escritor e professor, via um invalido, com ar triste e desalentado.

Casas da vida.

Passados os primeiros cumprimentos, eu disse - lhe a ru.ª estavahes por o encontrar sem barba, conforme os variados retratos apresentavam. Ele então contou-me que tendo começado ru.ª novo.ª sua vida de professor e entendendo que o professor devia ter aspectó de severid.ª, deixou crescer a barba para modificar tanto quanto possível o seu ar de rapaz; agora, porém, quasi invalido, não necessitava de manter a severid.ª, antes pelo contrario, queria reduzir ao minimum toda a exteriorisação da decrepitude.

Dizia isto, e' claro, com certo tom de ironia, se bem que misturado com resabos de amargura.

E a conversação continuou com um notavel á-vontade, como se fossemos velhos

conhecidos íntimos; conversas fáceis, sem suspirarem os silêncios incômodos derivados ou de cerimonia ou da falta de assunto. O dialogo corria sem dificuldade.

Veiu á palestra o caso da garretana de Ferreira Lima e como se falasse do dr. Costa Pimpão elle confessou, a proposito da attitude deste no assunto, que o não conhecia mas estava informado de que elle era uma «figura sinistra...» Eu, sem querer entrar em apreciações, não deixei de pronunciar um gesto de assentimento e concordancia. Realmente, o Costa Pimpão é uma «figura sinistra.»

Falou-se no dr. Joaquim de Carvalho. A respeito deste teve palavras calorosas; mas depois, com uma attitude de desalento, concluiu:

— Antipamente, eramos amigos e tinhamos larga correspondência. Agora... não sei q. ticho lhe mandou... Ha muito que não sei dele...

Preteendi desculpa-lo com a doença e o descolam.^{to} de retina que o obrigou á melindrosa operação de que ainda não estava completamente bom. O Fidelino disse igu-

nas essas factos e compondo uma das man-
tas que lhe coleriam as pernas apenas acres-
centou a meia voz:

— Coitado...

Confesso q. não percebi se este "coitado" foi dito sinceramente ou se foi para termi-
nar com o capítulo da palestra.

Notei que, se á conversação, por qualquer
motivo, se trazia nomes como o de Damian
Peres, ou do Herculano Cidade ou ainda do
Costa Veiga, ou qualquer outro de homens de
letras ou criticos, o Fidelino ficava silencioso,
sem qualquer reacção nas expressões que de-
nunciavam o q. pensava; mas se vinha a
talho de foice qualquer acto da actual situação
politica demonstrativo da attitude anti-libe-
ral dominante, ele vinha então gestos largos,
certas exclamações e objurgatórias de entu-
siasmo reprovativo.

E a proposito do clericalismo dominan-
te contou que o dr. Ivo Cruz, director do Cu-
servatório, chamou um dia certa professora
e reprehendeu-a porq. a vira em S. Carlos, no
salão, com a cara pintada e a fumar. E con-
vou com janneiros q. a professora re-
prehendida relatara lá em casa.

A certa altura perguntou-me que trabalho tinha eu debaixo de mãos. Respondi-lhe com a verdade: que nenhum. No entretanto disse-lhe que tinha entregue no Estado-Maior, para ser subscrito, um trabalho um pouco extenso acerca do marechal Duque de Saldanha. Ao ouvir este nome, o Fidelino teve um largo gesto com o braço direito e diz-me:

— Oh!... o Saldanha! Grande tema!...

Expôs-me rapidamente as razões do trabalho e, ao mesmo tempo, as minhas dúvidas acerca do subscrito — ao que ele respondeu:

— Na verd. para esta gente que nos governa, o Saldanha é grande de mais.

Ao querer-me despedir porque a tarde ia a cair e eu recejava humidade e o meu pavimento das ruas ainda sem iluminação, a esposa do escritor pediu-me p.^o demorar um pouco mais porque me queria oferecer uma xícara de chá e insistiu comigo p.^o que pelo telefone avisasse a família da m.^o deusa.

Foi então que o Fidelino se levantou novamente, com m.^o custo. Queriu-me mostrar o seu quarto de trabalho, ao fundo da sala onde estávamos. Apoiado a duas pernas

las e sempre falando, levou-me ao pequeno compartimento com duas janelas, onde estava uma mesa atravancada com papéis e livros e mais estantes cheias, e quadros por decima. Tapetes ru.º fofos, irradiadores; conforto e bom gosto.

Contemplei da porta o aspecto geral, mas ele insistia p.^a em entrar:

— Venha até ao meio da casa... Até aqui p.^a tomar posse... Quero que tome posse...

E com ar alegre e amavel:

— Othe que esta casa tambem e' sua!

Mostrou-me um pequeno muevel moderno com o catalogo dos livros e pediu-me para eu ver quais os trabalhos meus que ali tinha. Puz os olhos e vi: eram poucos, por que outros que lhe mandei ficaram em São Paulo, entregues a um filho e uma filha cada da que lá fixáram e sua vida.

Nisto veio uma criada com as bandejas com o chá e torradas e bolos. Voltámos á paleta e eu regalei-me com o chá quente que, depois de tão longa conversação, me parece divinamente.

Eu via lá fora a tarde cair, e parecia-me que surgia nevoeiro. Mas não mais al

quem tempo a palestra, como cumprira, até que me despedi, francamente satisfeito com a visita e não sei de deus dizer eu cantado com o acolhimento.

Julgava encontrar uma creatura valida, um tanto ou quanto senhor do seu valor e, por consequencia, um pouco impertinente. Afinal foi o contrario: afavel, modesto, acolhedor, sem pretensões nem alusões á sua obra ou aos seus meritos. Gostei dele e desfiz logo as m.^{as} apreensões desde que a conversação entrou correntemente por assuntos varios sem se recarregar ás realidades do estado do tempo ou do meu serviço da creadaquem; a palestra teve até certa elevação e ele não deixou de ser, malgustos passos, o professor e o critico mas subtilmente, sem alardes ou atitudes superiores que me desagradariam.

Junto dele, quasi sempre a esposa, de aspecto triste e resignado, se viu que olhava p.^o ele com ar de quem se arpentava do marido. Não sei se seria assim bem feita a m.^o observação, mas quiz-me parecer q.^o seria essa a significação do olhar triste mas cheio de ternura ~~com~~ com que o mirava.

Leefim, despedi-me e pai. Começava a chover. A noite caía. Desci por uma olival p.^a a rua D. Rodrigo da Cunha onde termina uma das carreiras de auto-car. Vim p.^a casa a sentir a garçanta e hoje continuo a senti-la. O vento da tarde e a humidade do ar notecer assim o quizeram — para com pensar com um incómodo a las disponicas que me deu a visita.

Lioba.

Fevereiro: 23.

Hoje, com o Pires Monteiro, fui visitar ao Museu de João de Deus, na avenida Alvaros Cabral, o João de Deus Ramos.

Dentro inválido...

Fez-me impressões ver a sua decrepitude de que ele procura encubrir habilmente. Tem 75 anos, e mantém certo apuro que realmente é notável p.^a quem já resistiu a uma cirurgia cerebral que lhe deixou ligeira hemiplegia e algum defeito na fala. Como um dos olhos sofreu qualquer coisa com o ataque cerebral, usa um vidro negro nos olhos p.^a evitar a cegueira da luz. Leefim, a caminho da ruína.

Maravilhoso, porém, encontrou-o ~~o~~ ~~seu~~ disposto, e mostrando-me o edificio, ia-nos contando os seus trabalhos para manter de pé a grande obra do Pai, toda a sua pertinácia para o conseguir e as dificuldades e o equilíbrio necessario que teve de manter desde 1926. Para esta actual situação politica a obra das Escolas Mouçois é muito suspeita; consideram-na filha de maçonaria — e assim, todo o cuidado foi pouco p.^o não ser abansada e por consequencia anulada.

Actualmente as coisas estão mais ou menos camufladas porque os "revolucionistas" já têm dito que a obra ~~o~~ caiu de tanto no jesuitismo. E com estas camuflações vai mantendo o melhor possível as Escolas, felizmente separadas do ensino official.

Ha tempo, numa conferencia feita no quele Museu, a assistencia era tão variada e heteroclitica em materia de politica e religiões que o Hipólito Raposo, notando isso, disse para o João de Deus Ramos:

— Afinal, meu Am.^o, isto não é o Museu João de Deus: isto é a Praça da Concórdia.

Queris o Ilipolito Raposo dizer com esta frase galante que ali, naquela sala, todos se poderiam encontrar amavelmente... E o João de Deus dizia isto com certo desvanecimento.

E assim se passou um bom trocado de tarde, em agradável conversação. O João de D.^o foi, por assim dizer, quem a encheu, e dipanar-se que com certo encanto. Apesar de abatido, manteve vivêza de espirito e a palavra corre-lhe fácil e por rês com graça.

E já agora quero deixar aqui registado um dito de Guerra Junqueiro

Nas vésperas da proclamação da República elle, João de Deus, foi encarregado de ir ao Porto solicitar de Junqueiro a proclamação que deveria ser lida no dia do triumpho revolucionario. Conversaram acerca de varios assuntos do tempo entre os quais umas polêmicas que havia entre ultramontanos (principalmente o conde de Saldanha e o celebre Padre Matos) e liberaes em que se patentaava o Tomás de Figueira. O Junqueiro, conhecendo o ardo dos antagonistas teve uma conclusão que embora pareça paradoxal é bastante exacta:

— Olhe, João de Deus: o Tomás é afinal um deista que se não conhece; e o P.^o Matos e o Saavedra são dois ateus que se proem-
nam...

E assim a tarde passou, em boas con-
versa, até que as exigências do horário du-
rma aula qualquer do curso de professorado
nos obrigou a retirar.

E eu vim a pensar em como a gente
do meu tempo está a desaparecer em um
perfeita decrepitude.

Lisboa.

Fevereiro: 26.

Ontem de manhã encontrei no Rossio
ao sair da Casa da Sorte o meu condiscipu-
lo Alberto da Silva Pais. Tinha conhecido
um cautela e vinha esperançado...

Conversámos um pouco. Contou-me
fôra operado da próstata, que ficára bom e q-
ia passando regularmente, conforme con-
sentiam os seus 72 anos. Pareceu-me bem
disposto e disse-me.

Ele então, parando, começou-me a ex-
plicar de onde vinha essa relativamente boa
disposição. E achei-me grato e concordei:

dizia ele que era necessario, com o correr da idade, começarmos - nos de que temos de ir renunciando, aos poucos, a varios prazeres da vida ou mesmo a frequencias coisas simples q. nos dão gosto. Quem se obstina em manter a mocidade é fatalmente vencido; mas quem se começa de que a mocid. acaba e de que se tem de fazer adaptações compensativas a novo estado fisico, pode viver muito bem sem sobresaltos ou inquietações que causassem.

— Você, disse-me eu, está filosofando seriamente. Em que escola filosofica aprendeu isso, oh Alberto Pais?...

— Na escola da experiencia e do bem-sensu... Isto que disse, afinal, é bem verdadeiro!

É na verd. assim é. Conversámos ainda um pouco, rimos-nos á custa das varias renuncias a que a velhice se submetê e depois dum abraço cada qual seguiu á sua vida. Erau horas do almoço e os electricos começaram a escher-se.

Ontem ainda, á tarde, na Revista Militar, á hora da canaqueira, encontrei o Gr

gadeiro de Antetharia Vasco de Carvalho, um tipo discípulo dos jesuitas, arregimentado ha muito no Integralismo, e ultimamente reformado depois do processo e julgamento de tentativa revolucionaria p.^a derrubar o Salazar e aparriguados.

O Vasco de Carv.^o foi sempre de grande vivêza na maneira de falar, ás vezes um pouco rude. Mas é espirito liberto de certos preconceitos e é agradável ouvi-lo conversar acerca de qualquer assunto.

Ontem estava ele nervoso, irritado, não sei porque. A' pergunta do Pires Monteiro relativa á successão do Feras Vital na Lugar-ténencia do D. Duarte Nuno, ele teve um escother de ombros e respondeu apenas:

— Sei lá... Dizem que o Salazar já morreu o Duque de Palmeira...

— O Duque de Palmeira?... disseram nós em câro.

Ele riu-se. E depois de gesto largo:

— Porque é que se admiram? Eutá não vêem que esta situação é uma perfeita simbiose da Maçonaria e da Sacristia?...

E apontou: o Albino dos Reis, presid.^{te} da Assem.^{bleia} Nac.^{al} não era maçonico? o

Jose' Alberto dos Reis não o foi tambem? o Bissaiá Barreto além de maçom não foi carbonario? e o Carmona não foi igualmente maçom? E desfilou mais nomes, que não rebite, de creaturas que para reventemente se unem á Sacristia.

O Pires Mont.^o, o command.^{te} Moura Braz e eu amiramos sem protestar... Era assim mesmo. Velhos maçons, antigos revolucionarios, estão hoje de mãos dadas com o Ultramontanismo dominante.

Ora hoje, certo medico, velho amigo, com quem falei, contou-me que um seu doente que tem parte numa empresa de cinemas, andava contrariado por causa das novas disposições relativas á frequencia de sessões ás sessões cinematographicas; e que este lhe dissera que fôra procurar o dr. Bissaiá Barreto, com quem tinha boas relações, para que, dada a sua íntima convicção com o fazer, lhe fazer ver certas incongruencias e até disparates do decreto ou lei que regula o assunto. O Bissaiá Barreto ouvira a exposição atentamente, mas respondeu simplesmente o seguinte:

— É' excusado procurar o dr. Salazar porque essa regulamentação foi imposta pela Igreja. É' pois inutil qualquer diligencia nesse sentido.

É pronto.

Lisboa.

Março: 2.

A Academia das Belas Artes dá um prémio anual á melhor obra de caracter artistico saida no anno. No anno de 1952 apresentaram-se ao concurso duas obras, uma das quais foi a do Ernesto Soares sobre o rei D. Fernando II, como artista.

Dea hoje meu nos jornais a noticia de que o juri nomeado p.^a conferir o prémio de nomeado José de Figueiredo, o attribuiu á obra do dr. Reinaldo dos Santos sobre o meu melino — obra que não concorre...

É' claro que a resolução foi acto de subserviência ao Reinaldo, presidente da Academia; e por subserviência estabeleceu-se o precedente de premiar uma obra que não entrou no concurso.

Como estas coisas se fazem e, de mais a mais, sem levantar um unico protesto!

Seu novas formas de Direito se vão in-
ventando, oh Supremo Architecto! E quin-
quem reclama meu commenta!

No falar no caso deante de certas pes-
soas cultas e inteligentes, notei que não ha-
ve qualquer reacção. Pareceu-me que achá-
ram tudo bem — ou por coudescoudencia
politica ou por natural deforemação de meu
talidade nada e creada depois da revolução
salvadora de 1926.

Isto é simplesmente triste.

Coimbra.

Março: 4.

Regresssei hoje a Coimbra. Se bem que
a entrada em m.^a casa e o re-encontro dos
meus livros e da m.^a papelada me dá con-
forto e prazer, a verdade tambem e' que a
quida no meio de certos problemas me im-
pressiou desagradavelmente.

E os problemas são tantos! E eu sem
grande animo meu feitiço p.^a os resolver.

Esses problemas assustam-me. Sei
tô que não nasci p.^a isso e infelizmente é
volere ruim que eles caiem.

Coimbra

Março: 14.

O Instituto de Coimbra promoveu uma homenagem ao seu arcebispo presidi.^{do} dr. Francisco Miranda da Costa Lobo e ao filho Gumersindo da Costa Lobo q. durante muitos anos foi secretário da direcção. Estavam marcados nos convites p.^{os} oradores os professores Diogo Pacheco de Amorim e Manuel dos Reis.

A homenagem realizou-se hoje, ás 17 horas, quasi familiarmente. Pequena assistência se teve que de categoria social. Presidiu o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.

Os discursos, elogios ou orações produzidas pelos dois professores foram dumra frequência notavel. Limitaram-se á enumeração dos passos da vida académica dos dois homenageados, da vida docente e pouco mais. Nenhuma elevação, tudo verdadeiramente corrigueiro, como de quem cumpre um fúxe de que se quer ver livre...

Sai de lá com impressões de frialdade, e convencido de que esta gente de capelo e barba não é capaz de sair do Pátio, agarrada a formulas charras, sem ver mais horizontes do que aqueles que o senhor deu

João III, o Piadoso, marcou a suas Exceley-
cias... Que probera em toda aquela grossa
lida correntemente, sem altos nem baixos,
à maneira de obrigações!

Coimbra.

Março: 17.

Em Fevereiro de 1951 escrevi uma carta
ao Heruani Cidade na qual lhe communica-
va que ao ler o seu Canções Épicas ficára com a
impressão de q. ele não conheceria o meu
Canções e "as artes belicas, e por isso lhe ofere-
cia um exemplar deste modesto ensaio.

Cerca dum mês depois respondeu-me
com uma carta cheia de boas palavras que,
a serem sinceras e não simples cortezias,
rão um magnifico atestado p.^a o ensaio.

Passado tempo, encontrei-o em Lisboa,
falei-lhe dos louvores q. me dirigiu e dis-
se-lhe que teria vontade de fazer uma 2.^a
edição, tipograph.^{ica} ampliada. Ele achou bem
e pediu-me p.^a o prevenir disso porque, co-
mo pensava em lançar nova edição do meu
Canções Épico, desejaria fazer referencia
cabdipna, etc. etc. Depois desta conversa,
temos-nos encontrado mais vezes em Lis-

lza e o caso do Carnões e "as artes belicas",
nem sempre á conversa, dando-me a im-
pressão de que o meu trabalho seria mencio-
nado com algum relevo.

Ora ha dias saiu a 2.^a edição do Carnões
Épico. Comprei-o e abri-lhe as folhas. Não
o li, apenas o percorri ligeiramente e en-
contrei ~~uma~~ somente em nota ao cap. V,
na pag. 227, ao referir-se aos trabalhos ou
« monografias de todo o genero » escritos acer-
ca das Lusiadas e lirica de Carnões a seg.^{te}
referencia entre « alguns mais importan-
tes » : « ... Carnões e "as artes belicas", ensaio
do coronel B... P... que dá muito mais do q.
o titulo promete (Coimbra, 1943); ... »

Com muita franqueza, depois de tanta
vêr se manifestar calorosamente acerca do
meu trabalho, julguei que o Bidade dissesse
mais alguma coisa. Bem sei que dada a
autoridade de que hoje goza o nome deste
escritor e professor, a referencia já não é
meá; mas depois de tanto foguetê lançado
em louvôr do meu pobre Carnões, parecia-
me que seria comentario mais largo ou
juizo mais completo.

Cóimbra.

Março: 19.

Ontem houve funcção n' O Instituto em honra do Augusto de Castro, annunciada até com a obrigação do traje de cerimonia.

Ha algum tempo os jornais deram a noticia de que um grupo de amigos e condiscipulos daquelle illustre director do Diario de Noticias ia promover uma homenagem. Eu perguntei a mim mesmos porque... e não soube dar a resposta.

Dizem-me q. a ideia partiu do José da Arriela que aí vive ha anos, nos altos de S.^{ta} Clara, encantado com a paisagem circundante. Este reuniu mais dois ou tres e eis que começaram os jornais a badalar q. a homenagem era da cidade, era de toda a Cóimbra que assim prestava o seu tributo de admiração ao jornalista, ao diplomata, ao escriptor, ao dramaturgo, etc. etc.

E na verd.^e o Arriela conseguiu levar ávante o intento. A festa foi marcada para ontem com inauguração duma placa de azulejo numa casa aos Arcos do Jardim onde elle viveu supranão estudante e numa sessão solenne n' O Instituto em que falaria em

nome da Academia das Ciências o grande
 Coeiro da Mata e o poeta Pedro Florenço de
 Melo. A última hora correu aviso que o tra-
 jo peris de passeio. A casaca foi abolida, fe-
 lizmente.

Não fui á inauguração da placa, mas
 fui á sessão no Instituto. Tinho interesse em
 ver como corria essa falada « homenagem
 da cidade » a que verdadeiramente a cidade
 foi indiferente.

A assistência pouco numerosa, foram
 atribuído que é costume chamar-se « de dis-
 tincão... » E como era necessário dar um
 nível alto á festa, compareceram o gover-
 nador civil, representantes do general, presi-
 dente da Relação e da Câmara e... o bispo,
 o arcebispo-bispo, que eu nunca lá vi em
 pessoa nem representado! Quer dizer: o ar-
 quebispo conseguiu levar lá « os altos expec-
 tes de Coimbra... »

Havia muitas damas, creio que da cha-
 mada aristocracia conimbricense; sentia-se
 invariavelmente, qualquer coisa de fino, de super-
 rior, a que os meus sentidos plebeus não
 estão habituados. ~~=====~~ A chegada do bispo
 deu o que eu calculava e para o que já está-

na preparação: a assistência levantou-se e durante muito tempo levantou-se de pé, respeitosa e... Eu já estava sentado a conversar com o dr. Costa Rodrigues, secretário geral; ~~como~~ continuei sentado, certame.^{te} com escandalo dos assistentes meus proximos, mas continuei a conversar com o sr. Pinho que não se sentia muito bem e disfarçadamente se levantou dando qualquer razão. E notando que era eu o unico, disse em voz baixa:

— Olhe q. está tudo em pé...

— Pois estimo muito, respondi. Eu é q. não me levanto. O meu Am.^o sabe que, com os bispos, tenho velhas querelias.

O Costa Rodrigues, disfarçou e com pretexto qualquer levantou-se e deixou tão incómodo companheiro.

Ora a sessão correu bem. Na mesa da presidencia estava o governador civil, um representante do Reitor da Universidade, o Abel de Andrade e o Reinaldo dos Santos. Eu cadeira especial, o bispo — unico que me recebeu as honras de uma cadeira de espaldar. As outras cadeiras eram todas de costas baixas...

A sessão teve, diga-se a verdade, certo brilho. E eu, intimam^{te}, fiz comparação com a q. fizeram em homenagem aos dois Costa Lobo, há dias. Esta de ontem, a creatura que nunca veio ao Instituto e que possivelmente não é sócio, teve certo brilho e calor; a outra, a duas pessoas a quem o Instituto tanto ficou devedido, correu fria e sem valor.

Coisas da vida.

O discurso do Casiro da Mata, de tipo acadêmico, foi sóbrio, ardoroso e sem exageros de paucifloro; os do Abel de Andrade e do Reinaldo dos Santos, curtos e curiosos; e no fim o Augusto de Castro em allocução escrita com elegancia evocou a Coimbra do seu tempo de estudante e agradeceu á dita Coimbra a homenagem q. lhe prestaram.

E eu perguntei aos meus botões se elle se convenceu de que era realmente Coimbra que promoveu aquella festança ou se quiz virar efeitos para o publico da lembrança do pulha do José da Arreola?...

Que mysterios ha sempre nestas coisas! A Historia terá grandes trabalhos, um dia, se quizer apurar estas bagatelas.

tas se é que tais legatelas merecem ser apuradas. Pais aqui fica o meu despoimento, bem simples, sem má vontade — apenas com a desconfiança de quem já tem a idade suficiente para não tomar as coisas pela primeira apparencia.

Os discursos vieram reproduzidos, como era natural, na íntegra, no Diário de Notícias de hoje. Guardei-os, para a demanda da documentação...⁽¹⁾

Coimbra.

Março: 20.

Desde 3. o Madal foi para Braga, aonde J. the escreveu; dia a dia, fui deixando para melhor occasião os cumprimentos que me mand. the devia fazer.

Bathou hoje. Lá foi carta com desculpas, com felicitações, com boas palavras.

Eu não tenho grandes razões de queixa dele; eu ambino-o sempre a certa distancia, é certo, mas não sou dos mais queixosos. Pais lá foi a carta — e que vá em boa hora...

⁽¹⁾ No Maco XI, n.º 1.

Cóimbra.

Março: 21.

Venho do Museu Machado de Castro su-
de o francês Jean Valléry Radot, director da
secção de gravuras da Bibliotheca Nacional de
Paris, fez uma conferencia subordinada ao
título de La Gravure Française. Des origines
à la fin du XIX^e siècle.

A conferencia interessou-me como é
natural e apesar do conferente ter um fran-
cês um pouco arrevesado que ás vezes en-
capava aos meus ouvidos atentos, dei por
bem empregado o tempo e o incómodo de
ir a pé, e com frio, até ao Museu.

Mas, a alusão q. aqui faço á conferen-
cia tem outro motivo.

O Luis Reis Santos, director do Museu,
apresentou o conferente e presidiu á ses-
são. As palavras com q. fez a apresenta-
ção foram amáveis e claro; mas resistiu
com os laudões ao crítico francês su-
dos laudões á sua própria pessoa como
director do Museu. E com certa impo-
cia foi dizendo que só agora é que o Museu
está cumprindo a sua missão e que deixou
de ser o depósito de coisas mortas que era

anteriormente. Disse tambem que em Portugal não se tem estudado nada o assun-
to « Gravura » e, com nítida presen-
cia p.^a com os francezes presentes, acreceu
tão que só a eles se deve alguma coisa que
no nosso país se conhece.

Se é certo que entre nós se não tem
estudado a Gravura como se estuda lá por
fóra, não me pareceu q. a afirmação do Rei
Doutor tenha completa razão; e o que me
pareceu excusado foi a maneira presen-
viente, quasi rasteira, como elle attribuiu
aos francezes a unica influencia exercida
entre nós. Poderia levar a influencia
da França (q. aliás creio não ser a unica)
sem rastejar servilmente.

No final, agradecendo a lição do Mr.
Vallery Cardot (na verd.^e uma interessante
lição) voltou a repetir as boboseiras acerca
da sua acção como Director do Museu que
só para cumprir a sua missão etc. etc. e
a reincidir acerca da nossa ignorancia
quasi permanente da arte da gravura —
afirmações, quer uma quer outra, que eu
julgo falsas e só ditas por quem se jul-
ga ou se quer julgar alguem superior e

se acredita capaz de dar sentenças em assuntos que elle imagina que os outros não sabem.

O ar impoamente com que elle se referia á missões dos museus! O ar pernil com que se derigia ao conferente!...

A diferença que faz o Reis Santos que nos primeiros dias de Coimbra veio ter ~~em~~ comigo de chapéu na mão, chamando-me doutor e que agora me aparece impoente, cheio de barba, dogmático, a falar de pápa! Desde que os leutes universitários o chamáram e o fizeram socio e director d' O Instituto, o homem julga que isso o igualava ao "capelo e barba", e tóca a tomar atitudes superiores.

Já ha dias, vindo elle, no Largo 8 de Maio, com o dr. Joaquim de Carvalho, ao passo que este me veio dar um abraço de despedida (porque segue por estes dias para o Brasil), o Reis Santos disse-me um simples adeus protector, a distancia, com gesto vago...

Agora percebe. Subiu-me á cabeça o "capelo e barba"... Pois que tho faça m.^{to} bom proveito.

Coinbra.

Abril: 2.

Voltamos ao malfadado Saldanha...
O caso começa a complicar-se. Ha dias
escrevi ao capitão Americo de Mendóca
Frazão, já official do Estado-maior e meu an-
tigo alferes em Infant. n.º 7, a preguntar-
the pela altura em que ia o assunto.

O rapaz que ficou sempre m.º meu
amigo, respondeu-me em carta reserva-
da que: «... o que apurei foi que, das 2
"primeiras pessoas que apreciaram o trabalho,
"tho, uma fez varias objecções embora dis-
"sesse entender que devia ser adquirido para
"as bibliotecas. Uma terceira pessoa, encarre-
"gada da apreciação do trabalho, fez varios
"elogios ao mesmo, mas aponta-lhe o defeito
"de poder induzir em erro o leitor menos
"versado em assuntos de historia, sobre o ma-
"lor da colaboração estrangeira no periodo
"de que se trata. Diz que, tal como o traba-
"lho se encontra, está em optimas condições
"para ser adquirido pelos descendentes de
"Saldanha e propõe que não se adquira pelos
"Fundos de Instrução do Exército. — Parece
"foi solicitada a opinião de mais duas pes-

"mas para se poder tomar uma decisão
"e até á presente data ainda não se pro-
"nunciáram. Quero ver se succedem es-
"tas hesitações, etc. »

Quer dizer: o general Barros Rodri-
gues perante os commentarios ou objecções
de um dos primeiros censores (que foi o
Jorge Apolinario de Al) e a opinião do Faria
de Morais, bem decisiva, teve as suas duvi-
das ou hesitações e, talvez querendo ser im-
parcial, nomeou mais dois coronéis para
darem opinião. Não teve a coragem de ar-
rostar com o relatório do Faria de Morais e
não quiz ser-me desagradavel negando-
me o subsidio — e foi pedir mais conse-
lhos. Não ha talvez que censurar muito:
quiz amarras para se segurar.

Mas... o que p. mim ficou incum-
premissivel foi a inferencia que o Traças
me dá relativamente ao veredictum do Faria
de Morais: «... o valor da colaboração es-
trangeira no periodo de que se trata... » O
que é que o homem quer dizer com isso?
Haverá erro de copia ou interpretação do
meu ambigo alferes? Não pareceo o que
ele quer dizer com a expressão «colaboração

sobrapreira» mas percebo a outra frase
 velhaca, bem velhaca: «o trabalho está
 "em optimas condições p.^a por se terido feito pe-
 "los descendentes de Saldanha ...» O marido
 da mãe me disse tal coisa quando, em Ja-
 neiro, me expoz livremente a ofirmiação;
 e a frase é de insinuação malevola, é por
 feita velhacada que eu, francam.^{te}, não cal-
 culava que fosse p.^a um relatório que tem
 finalidade bem diferente.

Enfim, o homem mostra-se tal qual
 é — e ainda bem! Fica-se sabendo

Mas ... ainda ha mais.

Ha tempo, nos comecços do mês findo
 escrevi ao meu velho am.^o Apolinario Jo-
 se Leal, actualm.^{te} professor em Ponta Del-
 gada, agradecendo um reverso de chá
 açoreano; na carta, entre outras coisas,
 dizia-lhe q.^e tinha falado em Lx.^a com o ir-
 mãos Jorge e que ele era um dos causos
 ao meu trabalho acerca do marechal duque
 de Saldanha. Ora nesta altura da m.^a car-
 ta já o Jorge Leal apresentara o seu relato-
 rio ou ofirmiação que, conforme me diz o
 Brazão, combinha varias «objecções.» Pois
 bem: em 28 do mês findo recebi um car-

Tão do dr. Apolinario em que me diz que
 escreveu ao irmão acerca do caso, embora
 «o julgaste desnecessário...» E acrescenta
 com certa graça: «Mas, como sabe melhor
 do que eu, ele faz parte dum corpo o qual,
 como em todos os seres vivos, é movido
 por uma cabeça, mesmo que seja... não.
 Estão parem certo que, da parte de meu ir-
 haverá a melhor das vontades, etc.»

Já não foi, parem, a tempo — e não
 se perdeu nada.

Dois dias depois, em 30 de Março, novo
 cartão do Apolinario: «... recebi a noticia
 que lamento entender dever transmitir-
 lhe, de que o seu trabalho não foi conside-
 rado p.^o ser comprado para as bibliotecas
 militares. Consulta-me saber q. um dos
 voggis, e só um, o considerou obra de
 valor, muito interessante como livro
 de consulta, etc. etc. Desculpe-me ser o
 mensageiro de tão desagradavel noticia
 mas tudo fiz em contrario.»

Debo que aí fica, poderá depreender-
 se que o Jorge Leal se deu por ser o uni-
co que diase tem do meu trabalho? as
 frases são um pouco confusas mas tu

do pôde ser. Perante a carta do irmão q.
 lhe lembraria a velha amizade, o coronel
 Jorge não teria a coragem de confessar a
 verdade...

Esperêmos o desfecho. Pelo que se
 vê, o Saldanha é grande de mais para
 toda esta gente.

Coimbra.

Abril: 6.

Fomos hoje ao Luso, com a Ana Maria,
 almoçar com os pais desta. Depois do almu-
 ço o Cristiano levou-nos ao Baramulo e
 daqui pela estrada do vale do Agueda até á
 vila do mesmo nome, onde entrámos
 na estrada do Porto p.^a o regresso.

Uma bela caminhada, com dia ligei-
 ramente nublado, temperatura agrada-
 vel. Belo pretexto para boa disposição
 se no meu íntimo me não fossem va-
 rios males que me afiebam qualquer
 parcela de alegria.

Noutros tempos, faria descrições da pas-
 sagem, com parmenares e impressões per-
 soais. Hoje, não sei se seria capaz... Li-
 mito-me a dizer que foi um belo dia e

uma excelente caminhada. E nas horas que passei no Luso recordei os tempos em que, criança ainda e depois já homem, ali correram dias agradáveis e que não voltam mais.

Seubi vagamente lágrimas nos olhos. A velhice tem destas coisas.

Coimbra.

Abril: 12.

Apenas um simples comentário para que, nestas paginas, meu tudo seja tudo. Recedi hoje um folhetinho anunciador dum Historia das grandes revoluções do felecido Rocha Martins — obra que tinha já sua parada p.^a a imprensa mas a morte súbita não deixou publicar.

É agora o Carvalho Duarte que mette os ombros á empresa e no folheto dá as suas razões, etc. etc.

Ora o que aqui me faz notar o caso é q.^o o C. Duarte diz sem mais nem menos, a certa altura: «... Quiz o destino que o genial escritor não tivesse tido tempo, etc. etc.»

O genial escritor é o Rocha Martins...
O Rocha Martins é escritor genial...

Que suborno de profissões tem es-
tes diabolos dos jornalistas, mesmo que que-
ram ser gratos á memoria dos amigos?

Ponto final.

Coimbra

Abril: 20

Em 15 deste mês recebi uma carta de
D. Julieta Ferrás. Explicava a falta de res-
posta a uma carta minha escrita ha muito,
mandava-me um exemplar do catalogo de
exposições comemorativas do 1.º centenario do
nascimento de D. João da Câmara e fazia-
me um pedido curioso.

O Rodrigues Cavatheiro é o chefe dos serviços culturais da Câmara Municipi-
pal de Lx.^c e publicista e meio-historiador
anda a trabalhar num estudo sobre João
Francisco e sua época. Descobriu que se es-
crevera um diario da questão academica
de 1807 e que tinha documentação da quadra
francquista; que eu tho diria não sei; o que
sei é que solicitei á D. Julieta f.^a servir de
intermediaria no sentido de eu lhe ceder o
diario e a documentação respectiva para
auxiliar tanto quanto possível o esclareci-

mento de « um período em q. ainda ha
"muita coisa na penumbra...»

Ora aqui estou eu, com o meu arqui-
vo a servir estes senhores, mais uma
vez, sem qualquer especie de interesse. A
d. Julieta pergunta: « Está disposto a con-
tribuir com as suas valiosas informações? »

É claro que estou disposto...

O Rodrigues Cavalheiro é um dos che-
fes integralistas, é um dos corifeus da ma-
ta reaccionaria. Mas isso, que diabo! jul-
go que não é razão p.^a me negar.

Escrevi hoje á d. Julieta dizendo que
sim, que contribuo, mas q. o diario ain-
da não é visivel, isto é, não pôde ser en-
treque nem mais nem menos, tão inbimo
e tão ligeiro nas apreciações ele é. Darei,
farei, todas as informações que possam
ter interesse p.^a o estudo e poderei ceder,
temporariam.^{te} certos documentos (sem co-
mo tirarei copia duma carta do João Fran-
co sobre eleições, p.^a o prior de S. Pedro de
Alus, o p.^a Dimiz de Alus, que eu conhe-
ci ainda m.^{to} bem.

Enfim... Lá massadas não faltam;
proventos é que não vejo.

Coimbra.

Abril: 22.

Morreu ontem depois de dois ou três meses de agonia o Armandinho Macedo. Sofreu atrocamente durante este tempo e lá se foi mais uma amarra, das poucas q. já me restam.

Dos poucos, um a um, vão caindo e eu cá vou andando por entre sepulturas. E assim continuará a correr o tempo, sem que se possa obter qualquer espécie de resistência.

O Macedo era bom amigo. Dizia ele q. de todos os rapazes da geração com quem se tipou, eu era o unico com quem nunca teve um momento de aborrecimento ou ambiente de zanga.

Bons tempos os que passámos a estudar juntos disciplinas do curso dos Liceus ou a fazer diabruras na quinta da Guarda Inglesa, de meu tio João Baptista... Tem dias bons tempos... Sei lá se eram bons se eram ruins!

Os de hoje... esses é que não são nada bons.

Enfim... e lá se foi mais uma das poucas amarras que me restavam. Cada um o cemitério é mais.

E agora, outro assunto.

Deixei aqui dito em 8 de Fevereiro, salvo erro, que o Alberto Meira, do Parte, me pedira colaboração para uma revista que a Tertulia das cinco e seis ia em breve lançar. Ora hoje recebi uma carta do Meira em que me diz q. a revista vai em breve para a rua e que necessita de original meu com certa urgencia, p.^o o 1.^o numero.

Está arranjado! Agora, original rapidamente feito, com urgencia...

Vou-lhe dizer q. sim e mais que Vou-lhe... E ajudará com parte se lhe der alguma coisa para o numero deis.

Tenho, na verd.^{de}, certo desejo de lhe ser agradável e gostaria de colaborar na revista que se chamará Tertulia seguindo o que diz. Mas neste momento a m.^o cabeça não é capaz de fazer qualquer coisa de jeito — se é que alguma vez o fez.

Vamos a ver.

Coinhena.

Abril: 28

Vai por aí uma loucura de festas!... Celebra-se o quarto de século do governo de Salazar e os foguetes estalam, os martelinhos esticam, os sinos ensanguaçam a repericar continuamente e até os polícias da esquadra aqui em frente andam de grande uniforme. Ha comboios especiais para cima e para baixo, ha cortejos com bandeiras de "Todo o mundo", ha uma serie de Te-Deum em acção de graças, resa-se pela saúde do salvador providencial... Etc.etc.

Ha uma atmosfera festiva. Fecham-se estabelecim.^{tos} p.^o que o pessoal a certas horas marcadas pela Emissora possa ir cantar o hino nacional com a multidão... Nas escolas ha feriado "surdo", e nas repartições publicas tolerancia de ponto.

Que mais quer o Povo português? Tem o panem et circenses de Juvenal e tem um patrão que se não dá pão em abundancia, dá ao menos os jogos de circo que neste boudito sec.^o XX tem formas mais civilizadas e amenas. Podêmos todos nós, Parbupueres, cheios de entusiasmo e de or-

guelho, disseram em uníssono: Ave' Sa-
lazar! ave' Salvador! Tu e a Senhora de
Fatima sejaem eternos para honra e gloria
da patria de D. João 3.º! Amem...

E pronto. Lá' fãra os foguetes e os mes-
seiros anunciam o glorioso jubileu. Panem
et circenses!...

Ah! bom Juvenal!... Se para quizes
res tapar alguma das tuas nativas virilhas
logo á penna a Policia do Estado que te ta-
pava a boca e... bem.

Coimbra.

Abril: 30

Hoje foi o Arthur de Magalhães Basto, do
Porto, director de O Tripeiro e escritor de his-
toria consciencioso e curioso.

Receti dele uma carta a q. achei gra-
ca pela originalidade. Nunca tive com ele
qualquer especie de relações, só o conhecia
de nome e pelos seus trabalhos. Pois a carta,
sem mais preambulos, começa por me dar
certas indicações acerca do gravador em qua-
deira José M.º Baptista Coelho e se referir a
umas gravuras que este abriu para o João
Rei, o Escudeiro do Luis da Silva Mousinho

de Albuquerque. E depois de todas estas indicações, pede desculpa do tempo que me tomou e... nas ultimas linhas lembrava-me a minha «tão estimada colaboração...»

Mancira interessante de me lembrar a colaboração, possivelmente com receio de que a saída de O Tripeiro, do Alberto Meira, me fizesse esfriar o interesse pela revista. Achei graça...

Vou dizer-lhe q. me não esqueci e só as trapalhadas da vida me atrasaram o cumprimento desses bons deveres.

E penso até fazer uma Notula, a 3.ª, em que aludirei ás referencias de Camilo Castelo Branco ao cerco do Barto. Poucas são as referencias suas ~~do~~ para um artigo.

Coimbra.

Mais : 3

Hoje, domingo, houve missa por intenção do Sr. Armando Macedo, na igreja de Santa Cruz.

Confesso que me custa a cerimonia; mas por atenção p.ª com a familia, la fui assistir. E hoje ainda mais me custa porque, como é domingo, a concorrência

era grande e poder-se-ia julgar que eu me convertera á boa doutrina e ia reverentemente á missa dominical.

Mas, o que me faz aqui deixar esta nota é o facto da concorrência por euerm-me e a qualidade da concorrência. Como não frequento as igrejas não patria como agora não frequentadas. Lá que as mulheres encham os templos, não me admiraria nem seria caso para espanto; o que me deu no gôto foi a affluencia dos homens, de homens novos, entre os 20 e os 40 annos, certamente creaturas cuja mentalid. se formou depois de 28 de Maio para cá. E notei a maneira como se comportavam, com ar concentrado, de recolhimento interno, que denotava certa sinceridade. Muitos ajoelhavam, curvavam a cabeça, ficavam bastante tempo assim até que se levantavam p.^o olharem para o altar, com olhos vapos...

Tudo isto me deu que cismar. Será possível que estes vinte e cinco annos tivessem assim formado nova camada de homens, com vago fundo de mysticismo e creença religiosa sincera?

Quer saber as condições gerais em que se debate o pobre mundo ocidental que tornáramos possível este retorno religioso de que o Ultramontanismo se aproveita tão bem — se é que não é ele que o promove?

Durante a missa cismei bastante e observei muito mais. E ainda me deu na vista certos homens, a roçar pelos cinquenta, que eu conheci descrentes ou pelo menos indiferentes em matéria religiosa, a comportarem-se no acto como praticantes normais, com todas as atitudes correspondentes ao desenvolver do «santo sacrificio.» Hipocrisia?... Sinceridade?...

Sei lá!...

O problema da sinceridade é muito grave porque a primeira pergunta natural é a seguinte: em que altura da vida é que foram sinceras essas criaturas?

E a igreja cheia, completamente cheia de gente, de homens e mulheres, todos com aspecto de á vontade, como de quem está em sua casa...

Aquela meia-hora da missa deu-me muito que cismar: o mundo mudou muito, tem dado muita volta!...

Coimbra

Maio: 8.

Um hoje de Lisboa p.^a tarde fui no dia 4, quasi á pressa, p.^a consulta ao dr. Anastácio Gonçalves por causa dos olhos de m.^o Mutter.

Dois dias passados em Lisboa e um em Mafra ou melhor, na Paz, de visita á quinta-rota que lá estava a reuerdecer com esta promessa de Maio.

Em Lisboa, embora pouco andasse pelos centros, verifiquei a mesma balburdia, a mesma barafunda, a mesma vida agitada e truculenta. Fui a exposição da primavera na Sociedade N.^o de Belas-Artes, e verifiquei tambem que continha a mesma casualidade na arte: centenas de quadros de toda a especie, sem grande escolha, com mistura de alhos e lupalhos... Fui á Previsão M.^o, ver o Pires Monteiro que me pareceu decaído, abatido p.^a não dizer decaído. Lá estava o infalivel Vitor Hugo do Arredo Coubinho, o Viterino Guimarães e o inigmabico Raul Esteves que sustentaram uma meia-hora de palestra variada.

E assim passei dois dias em Lisboa sem encontrar novidades — além da mes-

na Galburdia, da mesma Garafunda, da
mesma vida de encontros e de velocidades
seu termo.

E mais nada.

Coimbra.

Mais : 18.

Vai por aí grande barulho e grande
furmaceira por causa do vigesmo do presiden-
te bras.º Lopes a Espanha.

E' claro que os festejos de recepção deve-
riam ser bons, nem seria de esperar outra
coisa. Mas o que muita gente não vê é que
esta barulheira toda corresponde apenas a
uma aliança politica de momento e nada é
mais do que isso. As afirmações da velha
amizade entre portugueses e espanhóis
não passa de formula protocolar que me
parece se deveria evitar — pois toda a gente
que essa « velha amizade » vem do Aljubar-
rota e firmada mais tarde em Montijo e em
Montes Claros...

Simplemente a aliança é de Franco
com Salazar e, com franqueza, pelo que me
vem dito do braço de Lopes, não calculava
que este se prestasse, de tão bom momento, a

a ir representar o papel que tem representado junto de nossos irmãos.

Por essas e por outras, ha pouco, em um espectáculo academico que ai houve em que colaborou um arfeão de Santiago de Compostela, um dos seus componentes veio ao proscenio agradecer o acolhimento recebido e começou:

— Portugal não é mais do que uma parcela de Espanha...

Na plateia houve zuns-zuns da rapaziada portueguera; o outro não se atrapalhou e continuou:

— ... sei melhor: a Espanha não é mais do que uma parcela de Portugal...

Grande risota e fronto: a discursata continuou sem mais novidade.

Esqueçámo-nos, pois, Aljubarota.

Coimbra.

Maior: 19.

Ontem encontrei o Octaviano de Sá a quem me vi obrigado a falar. Passado o assunto central, veio á fala o Madalil, o grande Madalil, actualmente director da Biblioteca de Braga.

O Octaviano abriu-me em confidências... O Madahil não foi definitivamente p.^o Braga e, ainda bem, part. foi lá real recebido; a sua ida p.^o ali representa apenas um compasso de espera, porque desde que certo individuo esteja em condições de director de Biblioteca e me.^o desejado na cidade dos arcebispos, será nomeado p.^o o lugar e o Madahil transitará p.^o a Torre do Tombo que parece ser a sua verdadeira aspiração.

Está pois a guardar o lugar... O que haverá de verdade em tudo isto? E' contu do possível.

O Madahil está surpreendido do seu feitio ou caracter atraliliario. E para Coimbra não volta porque não ha lugarco onde se possa meter.

Coimbra.

Mais : 28.

Passa hoje mais um anniversario do dia glorioso. Ha 27 annos que sobre todo o Pais cá a ~~abundancia~~ abundancia de commo-
jia das graças. E ainda ha quem se queixe, que se mantenha inconformado com o novo processo de governo.

O que aí vai! Inaugurações de isto e de aquilo, sessões solenes — um nunca acabar de festas para lançar a jorreira necessaria aos olhos de todos nós.

Deixêmos isso.

Recebi uma carta do Manuel Cabanas, o gravador barreirense, na qual me convida p.^a eu ir ao Barreiro fazer uma conferencia acerca de meu tio Rafael Pimenta no prox.^o dia 14 de Junho, dia em que se abrirá uma exposição de arte a que concorrerem artistas do conceito e na qual se incluiriam as gravuras e esculturas de meu tio.

O comité é amavel e eu accita-lo-ia se fosse noutros quadros do anno e se não fosse com tão pequeno intervallo. Neste momento é impossivel preparar a conferencia e tambem a exposição de gravuras de meu tio. E com a ajuda de calor que me tortura ainda mais. Custa-me ter de dizer ao homem que não, mas tem de ser. Vou propor-lhe adiantamento p.^a Outubro ou Novembro e então lá irei de boa vontade dizer de minha justiça qualquer coisa e reivindicar para Rafael Pimenta algum direito como bom artista.

Coimbra

Maio: 31.

Ontem, no Instituto, o Sr. Simões fez uma conferencia subordinada ao titulo: Actualidade Luso-Brasileira. Bastante publico e neste grande numero de velhos republicanos, dos inconformistas. Notei, parem, uma affluencia de leutes que não é vulgar e na maior parte dos conhecidos como reaccionarios. Que mióla os levou lá? E o interessante é que applaudiram muito e foram, no final, cumprimentar o conferente.

Misterios do tempo actual.

A conferencia, lida com firmeza e creio que com sinceridade, foi de cabo a rabo a reprovacao desta aliança de politicas esparto-tusa, com prejuizo da aliança implera e da amizade com o Brasil. Eutera com amaveis eufemismos, o Sr. Simões soube dar uma tarefa completa nesta fantástica amizade com a Espanha que a ultima viagem do Grauciro Lopes veio elevar a principal escôpo de nossa politica externa.

Foi, realmente, uma boa conferencia que o Ferraz de Carv. pediu para ser publicada n' O Instituto. Então, lida atentam.^{te}

e com paucos, se poderá apreciar melhor o valor da argumentação e as verdades escolhidas que traduz.

Oxalá não traga algum aborrecimento ao Dr. Ferraz de Carvalho.

Coimbra

Junho: 4.

Fui hoje com o Sr. Ant. Nogueira Gonçalves aos altos da Berdeira de Cóiça. Lá muito andava com vontade de ver, com os meus olhos, a velha estrada que vem do Lezere para o vale do Alva que o Saldauba percorreu com a sua tropa fardada em 1837 quando desapareceu da Beira Baixa para cair em Coimbra de surpresa.

Lá fui com o ~~seu~~ excelente cicerone, natural da região e conhecedor perfeito daquelle acanhado de serrarias e daquelle meandro de caminhos e velhas estradas. A manhã magnifica e pelo percurso todo eu fui rememorando as ruínas variadas e variadas passagens pela estrada da Beira, pelo concelho de Poiares de tão boas recordações, pela Mucela, Mucelas, Serra da Moita — conjunto admiravel de cenarios que só

os insensíveis ao Belo poderão não ver e admirar.

Depois de Côja foi a subida constante para a serra. O cenário ia-se alargando, os vales profundos começavam a surgir e o dorso altaneiro da cordilheira ia aparecendo aos poucos numa outra volta. O ar que se respirava era mais fino e a amplitude entrava a impressionar.

A estrada segue sucessivamente o traçado da velha, passando obrigatoriamente de quem de cá queria ir para o outro lado. Hoje é apenas um velho caminho, pedregoso, difficilmente transitável, mas que ainda se deixa ver muito bem, serpenteando pelo reguame da encosta e em certos pontos ao longo da linha de fôrto.

Parámos aqui e ali. Contemplámos os panoramas; o P.^o Nogueira Gb. tirou varias fotografias e acima de Montês-Frios, em de a estrada, passando uma portela, começa a descer para o Porto da Balsa, tivemos de dar por finda a m.^a inspecção, com jesus manifesto. Daí p.^a cima só a pé ou a cavallo: o automovel ainda não está preparado para calçar o terreno fôrto e galgar je

dragais e Tojo bravo. Contentei-me em ver o cume altaneiro do Açôr, com os seus 1340 metros, por de cima da lauzela que me lia para o alto do Tojo e que em curvas me lá vai ter com imponencia. E contentei-me em ver o velho trilho que serviu ao general para arrastar atrás de si meia dúzia de soldados, numa arrancada estratégica de efeito que só houve com prestigio e grandes qualid.º de decisão nos capzes de conseguir.

Mas que soberbos panoramas! Como se respirava bem aquele ar fino de oito-centos e tal metros de altitude! A montanha impressiona e esta, com valeiros profundos a que a côr da pedra chistosa dá tons escuros, causa sensações variadas de surpresa, de agrado e, nalguns pontos, quasi de receio. Soberbos e magnificos cenarios!

Visto o que queria ver, explicados pelo P.º Nogueira os problemas suscitados pela marcha do marechal n'aquele sector, lancei olhar paudoso para as redondezas, quer p.º os dorsos imponentes, quer para os fundos, quer ainda para toda a extensão de terra q. se avistava lá dos altos — como quem se

despede definitivamente. Entrámos no autómovel e voltámos para baixo, para o terrível mundo agitado que se contorce em ataques de loucura.

E a natureza tão bela! Meu Côja, meu dei seguir pela estrada para Avô: parámos em Vila-Cova de Sub-Avô p.^a contemplámos aquelle recanto do estuário; em Avô, para evocar o poeta do Viriato Trápico; e em cima, nas Varandas, para olhar saudosa^{mente} para o vale cheio de pitoresco. Poderíamos dizer como o Jacinto do Eça de S. Queiroz na subida para Torres a frase exclamativa:

— Que beleza!

Depois, foi Vila Paiva da Beira, Vendas de Galizes, Solneira, a Moita e por aqui fóra até á encantada Coimbra — onde o almoço esperava os caminhantes ~~em~~ a quem se lhe ás mãos uma canja apetitosa que de estrada appareceu na mesa.

Assim, miseravelmente, terminou uma excursão quasi de sonho... A triste condição humana assim o quiz.

Depois, á tarde, reviciei dezasseis horas, pouco menos, ao fundo da minha

na rua com os cantos religiosos e ladainhas. Era a procissão do Corpo de Deus que descia a rua de Alexandre de Gusmão.

Subi ao 1.º andar e observei com o binóculo: a mesma manifestação reaccionária, com creanças das escolas, os collegios particulares, autoridades civis e militares e no fim uma enorme multidão que causava qualquer coisa em seu prazer.

Lá vi na 1.ª fila, atrás do pátio, o governador civil com o general de um lado e o reitor da Universidade do outro; com o representante da Relação e mais autoridades ~~de~~ de diversas categorias. E atrás grande grupo de officiais do exercito, do grande uniforme, certamente muito contentes com o papel que iam a representar.

Até da leve. Não iam contrariados.

Coimbra.

Junho: 8

Dia cheio. Depois do almoço, fui ao Colégio visitar as filhas do Laurencio Chaves de Almeida. Conversámos largamente e aproveitei para lhes lembrar o recato que devem manter a respeito das memórias

que o pai deixara escritas e levou assim a m.^{ta} correspondência que ele recebia de certas pessoas de muito nome do Lopes Vieira, do M.^{al} Monteiro (de Braga), do D. Vena de Lima, etc. etc. Se as primeiras não poderão ser por agora publicadas pelas muitas referências a pessoas vivas e no galarrim as referências devessem ser guardadas cuidadosamente porque representam não só elementos para a história da Arte em Portugal como documentos preciosos p.^o o destinatário cujo tom nome elas, como filhas, deverão e quereirão guardar.

Elas concordaram e disseram que já resolveram guardar tudo com as devidas cautelas e não se deixarem enganar por qualquer esportera de algum esportista.

Confesso que receio um pouco das esporteras do Madahil que ha-de fazer o possível por saber o que vem nas memórias que não lhe são, aliás, muito favoráveis. Oxalá as raparigas se aquietem e não vão ao diabo. Dei os meus conselhos, como euendi e o resto... que se lhe ha-de fazer?

A' noite, depois do jantar, concerto do Circulo de Cultura Musical, com o pianista

russo Istomin, nascido e criado em Nova York. Rapaz novo, entroncado, calveça redonda como um alceão, aspecto duro na expressão fisionomica.

Como artista resseente-se, talvez, do ambiente americano. A arte russa seria avulgada pela técnica e materialismo do novo continente. Para o meu criterio, as interpretações teriam essa vaga cunha.

Será assim ou não será. Contudo, excelente executante, de nitidez perfeita, sobrio e correcto. Bom pianista, enfim, de que gostei muito enfado.

Coinhira.

Junho: 13.

Dia do meu rico, riquissimo, Sr. Antonio! Este paulo casamenteiro faz-me muito lembrar, no meu sagrado dia, aquella minha aventura, no palão do Estado-mais em Lisboa, quando tive a ousadia de pensar que poderia ser tripadeiro... Já lá não catanze anos — e não me esquece o episodio meu serio, meu burlesco.

E com o passar do tempo, quando penso nesse desastre, ainda me admiro como

me meti em tais assados e me sujeitei a tais provas tão contrarias ao meu feitio e ás minhas opiniões.

Enfim. O milagroso Sr. Antonio podia ter feito um milagre — e não quiz. Foi ha catorze annos. E ainda me lembro bem de um tocador de clarinete, nas vizinhanças do edificio, que perturbava a serie^{da} do acto com ensaios para as proximas marchas dos bairros de Lisboa.

E afinal, quem sabe se o taumaturgo escreveu direito por linhas tortas!

Ora hoje terminei a leitura do 6.^o volume do Diario de Miguel Torga, ha pouco publicado. A leitura é impressionante. Chega-se ao fim e fica-se a pensar na tortura ~~do~~ do autor. Sente-se a agua presa, a querer lançar o vôo sem poder abrir as azas. Espirito inquieto, sem conseguir soltar o que sente ~~dentro~~ nos arrojados pensamentos.

Deve ser um torturado o pobre Poeta, sujeito como qualquer outro homem á miséria da vida corrente e ás limitações do ambiente actual — e sem achar limitativo

na quasi constante vagabundagem pelo País e pelo estrangeiro.

Quando o encontro por aí, desapeitado, Kristorho, como alheio ao que se passa em roda, tenho sinceram.^{te} muita pena. O seu inconformismo comove-me, a sua angustia impressiona-me.

Dadas as devidas proporções entre um alto Poeta e um poltre diabo, também eu sinto essa angustia e esse inconformismo. Por isso, quando o encontro e o saúdo cordialmente, mal sabe ele que nesse cumprimento simples mas affectuoso, vai muito da minha compreensão e do meu respeito.

Poltre Poeta! Mal sabe ele também como eu o lastimo quando uma vez por aí tra lá vou ao consultório p.^o me tratar dos ouvidos e da faringe e principalmente quando no final da consulta eu puxo timidamente pela carteira para lhe pagar o meu justo honorario. E' uma cena que me custa e que eu sinto que o incomoda. E' a tal miséria da vida a prender á terra quem afinal acuda tão por de cima dela.

Mas ponto final — pois a vida e' isto mesmo: uma miséria constante.

Crimina

Junho: 17.

É impressionante a intromissão da Igreja católica em todos os actos da vida official do Estado e a sua permanente e crescente influencia.

Não se inaugura um melhoramento, não se abre uma estrada, não se celebra qualquer anniversario que não appareça o bispo, o arcebispo, ou um simples prior a benzer e a abençoar.

Estão a ver que, por este andar, quando as câmaras ~~se~~ abrirem ao publico qualquer modesto peijadeiro, lá irá o padre da freguesia com o hissope e a agua benta.

Os cavalleiros estão a abusar e creio que a irem alem, muito alem, do que deveriam ir. Mas enfim, o Estado consente e gosta — a começar pelo chefe do dito Estado que parece mudar as ideias que tinha a tal respeito.

Ara isto veio a propósito de hoje me bater á porta um homem p^o eu pagar a cingra... Verdade seja que perguntou se eu queria pagar — e eu que estava bem

largo de tal intervenção, convencido de que os homens me conheceriam melhor, ia-me irritando e quasi estive para mandar resposta rude. Pareu, resumiu a resposta na frase que disse a' creado para transmitir:

— Diga lá que não tenho conhecim.^{to} de tal assunto.

E fui á janela espreitar pelas rendas da cortina. O homem, que polvroua um livro oblongo, volumoso, escreveu qualquer coisa e foi bater ao vizinho.

E é vulgar au pelo correio ou directamente o peditário para isto ou para aquilo: desde homenagens aos parcos que celebram as «bodas de prata», até ás esmolas para as «Escravas da Santissima Eucaristia e "da Mãe de Deus" — um exercito disciplinado, organizado, superiormente orientado que aliafa e esmaga.

E' tremendo tudo isto. E se penso até onde poderá ir esta avalanche, lastimo as futuras gerações. A não ser que o que me parece solido seja, por agora, ainda muito aparente.

Amen!...

Coimbra:

Junho: 19.

O que aí vai com esse general Manuel Tópinho que hoje se avarança e atirado pelo limite de idade! Sua fumaçeira!

Flanels, pães, vestidos, pastas ricas, objectos de arte, o demónio!

E quem é o Manuel Tópinho?

A História tomará com dis conta dele?

Ela tem faz por isso, tem se cauda em chamar a atenção das turbas. Mas...

... Mas que grande fumaçada!

Coimbra

Junho: 21.

Estive aí hoje, toda a tarde, o artista gravador Manuel Cabanas.

Conversa larga, curiosa, instructiva, afinal. O homem tem certas leituras, e é inteligente, fala com facilidade e discorre bem sobre qualquer assunto que lhe esteja ao alcance. Começou a sua vida por encadernador, mas o officio prendia-lhe o desejo de ser mais alguma coisa; inquieto, largou a aldeia natal, no Algarve, e meteu-se a ferro-riario ~~em~~ e nesta nova vida, viajou

do, observando, absorvendo conhecimentos, foi que lhe aflorou a vocação de gravador em madeira. E sem mestre, pelo seu esforço apenas, tem produzido algumas obras curiosas e, segundo parece, está em bom caminho para aperfeiçoamento.

Fiquei gostando do homem que me combinou comigo a sessão de homenagem a meu tio Rafael Pinheiro que talvez se possa fazer nos fins de julho ou começo de agosto, ao mesmo tempo a exposição de trabalhos artísticos de barcarenses, cuja abertura ele queria p.^o em fazer uma allocução. Eu aceitei porque me pediu apenas uma allocução p.^o uns 15 a 20 minutos e não conferências como em carta ha pouco solicitava.

Ficou o caso assente, pois. Ele tratou da exposição e levou o album de gravuras, varios desenhos do tio Rafael e ficou de ir informando do que se passava.

Gostei do homem. E pareceu-me, até, creatura com certo caracter, espirito recto e de firmes de opiniões liberais.

Pode ser q. me supare, como tantas vezes me tenho suparado. Mas que fazer?

Ha muito boa gente e mais experta do que eu que tambem se espara...

Gimara.

Junho: 22

Ha tempos, creio, ate, que ha cerca de um ano, o Cesar Pegado, da Biblioteca de Uniuersid. apresentau-me e recomanda-me uma rapariga que, terminados os exames da Facult. de Letras na secção historico-philosophica salvo erro, ia preparar a sua dissertação de licenciatura que concluiria este ano. Ora esta rapariga, chamado Maria de Gloria Soares Fortunato, da Regua, quer fazer a dissertação sobre o Marquez de Alorna, assunto que lhe foi indicado pelo assistente de Facult., o Sr. Austino (ou Adelinio?) de Jesus Costa que lhe forneceu umas cartas inéditas do musseo p. o Principe regente D. João, datadas da ultima decada do seculo XVIII e cheias de interesse p. a quadra e p. a propria biografia do signatario.

Porem, a rapariga que recebeu recusar o assunto sugerido, ficou atrapalhada quando notou que a vida do Marquez esta ligada aos successos militares do tempo e ate

as cartas só tratavam de outros problemas q. não fossem militares. E como era natural, nesse campo, a licencianda estava em braço por completo.

Lastimou-se, pois, ao deixar Papado, seu futuro cunhado; e este então encaminhou-a para mim, como unica salvação. E na verdade, durante este ano por varias vezes elle veio a m.^a casa; fiz-lhe preleções acerca do marquês, da sua época, do estado do exercito, etc.; emprestei-lhe livros e uns manuscritos meus q. versavam o assunto; enfim, fiz de explicador e creio que não perdeu com as explicações. Sempre ficou um pouco mais elucidada.

Hoje veio oferecer-me a dissertação encadernada, com oferta assinada e pediu-me ainda q. eu lhe dar a opinião sobre o conjunto do trabalho.

Já percorri, embora por alto, a obra. Citá-me varias vezes e malgum passo quasi reproduz as m.^{as} palavras; mas conseguiu, ainda assim, dar impressões do conjunto. Vê-se o pouco habito de escrever e a falta de lidar com tais assuntos mas, ná lá! podia ser pior.

É aqui está como se fazem as dissertações na Faculd. de Letras... E estão convencido de que esta não será das piores.

As cartas do marquês p.^o o futuro Dom João VI e que são magnificas. Pense tanto eu de já não ter calicea nem disposição para fazer qualquer estudo sobre elas. São belos documentos p.^o o tempo e dão certas novidades acerca dos problemas militares e diplomaticos da ult.^a década do sec.^o 18.^o

Coimbra

Junho: 28.

Fui ontem ver a fita Os Miseráveis, em nova interpretação. Gostei. É claro que altera a sequencia do romance; mas o fundo lá está, perfeito e completo: a injustiça social. É que toda lição ainda pode dar a esta gente de hoje p.^o quem os problemas sociais nada são perante a feiria desportista e o mercantilismo corrente! Mas estão convencido de que ninguém teria visto a fita de baixo desse aspecto e simplesmente se notaria a alteração dos episodios do romance. É parem, possível que assim não fosse e eu esteja enganado.

Ora hoje, de manhã, ainda com a impressão do filipe, recebi uma carta do Americo Brazão, capitão de Inf.⁹ com o curso do Est.^o Maior, que se tem interessado pelo caso do Tratado sobre o Saldanha.

Diz-me ele que «esperava que o caso se resolvesse depressa, mas afinal arrasta-se interminavelmente.» E explica: «Os officiais encarregados de darem a opinião final sobre o Tratado... têm demorado muito por que têm varios cargos e pouco tempo lhes fica disponível; além disso porque já sabem das objecções feitas pelo sr. cor.^{te} Faria de Morais (cito aqui o nome visto q. U... já o sabia), sentem que a sua informação é sobre de mais responsabilidade.»

E aqui está como o caso se arrasta. Os homens tem medo: é o que é. Se não fosse a discordancia do Faria de Morais tudo se arranjaria bem. Assim... é necessario muito cuidado.

E para terminar este dia direi que estive aqui o coronel Pinto da França a quem li pausadamente o que deixei escrito em 13 de julho de 1839 acerca do meu celebre exame para o generalato. Ele ouviu atentamente e

pediu-me para rectificar o que deixei d'itô a respeito do Marais Sarmiento a pag. 242 do volume respectivo — o que faço de boa vontade embora não convencido.

Diz o Pinto da França que o Marais Sarmiento não era homem f.^o se curvar perante o Santos Costa; que de todos os generais do tempo ele era o unico que não obedecia ás imposições do então sub-secretario; e q. por consequencia se algum dos vogais do juri mudou de opiniao e desempatou a votação contra mim, não foi ele, com certeza. E acrescentou que se não era intelligente e muitas vezes era autêntico calino, era ao menos honrado.

Aqui fica a opiniao do Pinto da França, creatura séria, honrada e boa. Até que ponto é verdade a opiniao não sei. Mas como mostrou desejos de eu a deixar registada aqui a deixo, com a melhor vontade.

E o melhor, afinal, é não se pensar mais no assunto. Já lá vão 14 anos e de mais a mais já morreram dois dos vogais ~~do~~ do juri. Por consequencia, ponto final e ... e ás moscas.

Coimbra:

Julho: 5.

Mais outra procissão: a da Senhora da Boa-Morte. Não foi tão grande como a do Corpus-Christi, de ha um mês; mas ao preitendo do meu 1.º andar, pelo binoculo, lá vi o mesmo aparato reaccionario, e no final, atraz do pólio, a caterva das autoridades de toda especie: de capa e batina, de beca, de farda e de casaca... Tudo me.º bem representado, em especial o exercito que brilhava pela quantidade e pelas condecorações. Uma beleza.

E assim vamos andando.

Coimbra:

Julho: 8.

Receti hoje um exemplar d' O jornal do Barreiro que o Almeida da 2.ª Pais me mandou. Lá meem já a noticia da exposição de trabalhos de meu tio Rafael Pimenta e duma conferencia que eu irei fazer no paiz da mesma exposição.

O estilo da noticia revela o autor que é o alambicado Almeida Pais, pretencioso poltre diabo alcaudariado a jornalista.

Por curiosidade a notícia aí fica, recordada do numero de 2 deste corrente mês.

EXPOSIÇÃO DE ARTE NA S. I. R. B.

Já se encontra no Barreiro, com destino à exposição que dentro de poucas semanas se realizará no salão de festas da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense, o album de gravuras de Rafael

Pimenta, que foi organizado pelo próprio artista, e do qual será exposta naquele salão cerca de uma centena de trabalhos.

Durante aquela exposição deverá fazer uma conferência sobre Rafael Pimenta, o sr. coronel Belisário da Silva Pimenta, ilustre escritor e investigador histórico, natural de Coimbra, e sobrinho daquele famoso gravador.

E vamos a ver se que dará tudo isto. Exposições de Arte no Barreiro é possível que seja coisa exótica. Depois se verá e direi de me.ª justiça.

Coimbra:

Julho: 12

Hoje, novo almoço com o P.^o António Noqueira Gonçalves e o secretario geral António Luis da Costa Rodrigues.

Na verdade passaram-se umas horas agradáveis, de boa palestra e boa disposição. Mas eu continuo a interromper-me:

— Que diabo é que aqueles dois querem conseguir com estes almoços?

O Padre Louça sempre a insinuação: que seria interessante aumentarem o numero

ro dos couvinas; e ficámos sempre na mesma duvida: quem ha-de ser couvindo?

Teremos que pôr de lado o capelo e bota; estas insipias estropam tudo... Fora do professorado universitario ha mais para escolher; mas... as duvidas commecam, logo que se cita este ou aquelle nome. E assim vamos ficando reduzidos a estas tres figuras — sempre á espera de aparecer uma quarta e uma quinta e assim successivamente.

Hoje, depois do almoço, o Costa Rodrigues deu algumas informações ou pareceres que ha pouco deu como secretario geral a certas pretensões reaccionarias; e apesar dos pareceres serem contrarios ás pretensões, o curioso é que o ministro do Interior, o reaccionario Tribo de Negreiros, se conformou com elles e indeferiu os requerimentos. Eu apenas commentei: é porque o caso era muito ás claras; se as pretensões fossem expostas mais subtilmente e não quizessem abarcar o problema á brevidade, talvez tudo se fizesse sem novidade de maior. O Padre riu-se...

Eu li a seguir as paginas deste diário na parte respeitante ao meu exame para o generato, escrita a 13 de julho de 1939, ainda em Leiria. Os dois companheiros ficaram admirados.

E assim, com as leituras e mais alguma coisa se passaram agradavelmente umas quatro e cinco horas. E eu, ao voltar para casa, continuei a pensar:

— O que é que, verdadeiramente, querem fazer destes alunos?

Coimbra:

Julho: 13

Fui hoje á Coimbra-Editora receber os 50 exemplares do meu Caucioneiro Popular de Miranda do C.º. Finalmente venderam-se o serviço. Lá os livros em casa e ficaram papos.

Buscaram-me um dinheiro; mas, como diz o povo, mais vale um gosto do que quatro vinténs. Pena foi que o chefe da officina não me tivesse ouvido bem e mandasse só tirar 50 exemplares da revista Terras do Mondego quando eu recomendára que tirasse 150. Fica assim uma edição

de luxo, edições para . . . os raros apenas, como dizia o Imperio de Castro nos seus tempos do seu nepelitarismo.

Enfim, quebrou-se o suspense e realizei um desejo.

E pronto.

Coimbra:

Julho: 14.

Hoje appareceu-me ahi uma rapariga Maria Luiza de Lima Bolota, com carta de apresentação do Abt.^o Bergueira Ferraz Barreira, licenciado em Letras e actualm.^{te} conservador do Arquivo da Universidade. A rapariga completou os exames na Faculd.^e de Letras e prepara-se para, no anno lectivo que vem, apresentar a sua dissertação para a licenciatura; e como escolhesse para o assunto a biografia de Franc.^o de Andrade Leitão e em especial os seus trabalhos diplomaticos — vá de recorrer aos meus vertetes e aos meus vastos conhecimentos para a auxiliarem na tarefa.

A rapariga é simpatica e delicada; deu-me, porém, a impressão de que estava um pouco fóra do assunto, isto é, de q.

os assuntos históricos não são o seu forte e de que, verdadeiramente, não faz ideia do que seja uma biografia crítica.

Enfim, gostosamente, mostrei-lhe o verbete que diz respeito ao diplomata e durante cerca de $\frac{1}{2}$ hora aconpuei acerca do homem e acerca do modo como poderia organizar o seu trabalho. Ela ouviu com atenção e tomou as minhas notas. Fiquei de ver com mais cuidado o assunto e mandar-lhe dizer alguma coisa ~~que eu~~ que eu encontrasse e que hoje me não ocureu.

Achei curiosa a seguinte nota: os pais certamente por motivos de ganho-pão, vivem actualmente em Candeixa-a-Nova; passaram, porém, as férias no lugar de Vermosa, conc.^o de Figueira de Cast.^o-Rodrigo. E como eu lhe observasse que ela era beirôa de nascimento, respondeu-me com certa ênfase:

— Sou realmente da Beira e com muita honra!

Eu esbocei ligeira cortezia. Achei graça ao entusiasmo manifestado. E' beirôa e com m.^{ta} honra. Poderá reparar...

Paz : Mafra:

Julho : 25.

De novo na Paz. A mesma paisagem
rêca, dura, sem beleza. Um ou outro cari-
tên novo, a dar sinal de dinheiro, pelos ar-
redores e lá em baixo o mar, sempre lar-
go e a brilhar ao sol com esplendor. A
monotonia do costume q. aliás me não des-
agrada, tão certo é não se lembrem tanto
os problemas quando estes estão longe.

Adeante. Por aqui estarei até não sei
bem quando.

Lisboa :

Julho : 30.

Na capital do Império por uns dias.
Faz hoje doze anos a Deus Maria que exul-
távamos com a serie de presentes recebidos. Fe-
lizas idades!

Eu também tive 12 anos. Mas a mi-
nha memoria diz-me que já nessa altu-
ra eu era o mesmo pescamburico, como
que a adivinhar o que me seria a vida; sem
pre alheio a certas exterioridades e constan-
temente absorvido por qualquer coisa in-
terior, eu não soubi, naquele periodo da

existência a alegria desenvolvida que é justo que as crianças sintam.

Mas adiante, deixemos isto.

Aproveitei a tarde e fui procurar a repartição de S.^{to} Apolonia o Manuel Cabanas p.^o saber o que ha de positivo acerca de exposições e do m.^o palestra.

O homem expoz-me o que havia e contou-me as difficuldades levantadas — difficuldades que eu calculo sejam em parte motivadas pela sua attitude inconformista perante a politica actual. Em todo o caso elle conta com a presença do presidente da Camara p.^o presidir á sessão e com a boa vontade dos jornaes p.^o a divulgação necessaria. Apesar de tudo, vi-o optimista e mais uma vez me deu a impressão de um homem decidido que é capaz de vencer obstáculos quando tem em mira qualquer coisa que sirva e o enthusiasme.

Dize-me que seria ele quem me apresentaria ao respeitavel publico, pois que-ria dizer «certas coisas...» Quando lhe observei que era necessario certo cuidado com essas «certas coisas» elle riu-se e tendo-me familiarmente no ouvido disse:

— Fique descaucado... Eu sei dizer as coisas sem haver novidade...

Enfim, lá iremos no dia 2, e veremos no que dá tudo aquilo. E aqui direi de minha justiça.

Lisboa.

Agosto: 3

Lá fui, com efeito, ontem, ao Barreiro arrear por uns vinte minutos no encerramento da exposição.

A Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, conhecida de outros tempos pela forma popular de Perricheiros, tem um salão enorme, com palco ao fundo, e excelente iluminação. Foi aí que o M.^l Calvares organizou a exposição de que se imprimiu o catálogo de certo aspecto gráfico.

Ao centro do salão, em mesas improvisadas, estava a obra de meu tio Rafael Pimenta: as gravuras, os desenhos, as fotografias das esculturas e muitas recordações do artista como retratos, curis com que gravava, etc. Ao fundo, em cauletes, retratos a carvão pelo mesmo, sustentados por m.^a Tia Suzana. Conjunto interessante, bem dis-

posto, com ordem e de maneira digna do artista.

A' volta, suspensa em placas de madeira fina forradas com papel branco, grande quantidade de quadros a óleo, aguarelas, canções, desenhos a lapis, pastéis e recortes em folhas de cortiça, tudo obra de artistas barreirenses, alunos da Escola Industrial onde um professor Marinho é grande animador e impulsoradôr.

De maneira geral, bom conjunto, embora modesto. Fui lá, pouco depois da chegada, p.^a fazer ideia do que aquilo era e poder intercalar na alocução uma ou outra referencia ao certame. Não desgostei; a impressão recebida foi boa; e quando me preparava p.^a tomar notas, fui reconhecido e abordado pelo presidente da Sociedade que logo chamou o prof.^o Marinho e seus artistas expositores que me rodearam com certa curiosidade e deferencias.

Se o cenario me deu boa impressão, as pessoas com quem logo se estabeleceu amigavel conversação, ~~me~~ agradaram - me também não só pela forma correcta e desembaraçada como falavam, como pelo interesse na

manifestação feita
dura

nifestado pela arte, em geral. Fiquei, pois, bem impressionado.

A tarde, depois de almoçar e conversar pessoalmente com m.^a tia, lá fui, à Societ.^e dos Penicheiros, antes da hora marcada, já acompanhado pelo meu genro, pela neto e pela afilhada e herdeira do meu tio Rafael, a D. Maria Manuela Campos e o marido, o exenti.^o da União Fabril, Rui da Mota Guedes. Já lá estava a direcção da casa, o M.^l Cabanas e o vice-presidente da Camara q. representava o presidente, impossibilitado de comparecer, e outras pessoas.

O exenti.^o Mota Guedes explicava depois que a impossibilit.^e de comparencia do presidente da Camara era simplesmente o medo do discurso do Manuel Cabanas — que, dada a sua posição de inconformista, poderia dizer qualquer coisa que ele, como autoridade, não pudesse ouvir... Assim seria.

Logo que entrei, o Cabanas e o presidente da Societ.^e vieram dizer-me que acabavam de descoler no velho livro de actas, do ano de 1869-1870, em que se fundou a instituição, que o primeiro presidente dela fora meu avô paterno, Rafael Idezio Se-

Bastião Maria Pimenta e o primeiro presidente da assembleia de barceirenses ^{em} que ^{se} resolvera a fundação.

Depois de novo exame às obras expostas, e de troca de impressões, chegou a hora da sessão. O representante camarário assumiu a presidência; foram convidados 1.º secretário o meu genro, o Cabanas, o professor Mariinho e mais dois indivíduos cujos nomes não fixei. O presidente da Socied. abriu a sessão explicando os motivos por que estávamos ali; depois o Manuel Cabanas fez a apresentação da mi.ª pessoa e fe-lo em termos curiosos.

Palavras amáveis, é claro; disse q. a mi.ª infancia fôra passada numa tipografia, que aprendêra a compôr e a gravar na madeira; e que do contacto com o operaria do ficára um sulco profundo, p.ª toda a vida, na mi.ª mentalid. Referiu-se á mi.ª l h a n t e carreira militar e afirmou que se não ascendi ao generalato, foi por motivos que para ali não eram chamados... Com estas afirmações, deu a entender ao auditorio, que seria de 90% proletário, quem se seria em matéria politico-social. Pelo me. nos, calculo q. anni jone.

nos, calculo que a intenção seria essa e, diga-se a verdade, não foi mal pensado.

Depois, contue-me a mãe. Li pausadamente os quartos de papel que euclera em Coimbra com amáveis referencias ao Barreiro actual como terra de trabalho, com ligeira divagação sobre a vida de artista de meu Tio Rafael e ainda com uma girandola final dirigida á Arte, linguapem universal dignificadora do homem, etc. etc.

Ouvi no fim, como seria natural, muitas palmas e o mais interessante é que, sem estar no programma, se levantou p.^a falar um individuo que fazia parte da mãe, que me disseram ser funcionario superior dos caminhos de ferro e cujo nome me escapou; jediu p.^a falar porque o impressionáram as minhas palavras relativas ao Barreiro, palavras justas que meu Tio tem coragem de pronunciar e que ele queria agradecer por si e por todos os barreirenses presentes. É o mais interessante é que este individuo, sem grandes principios, mostrou-se não só arador fluent e correcto mas com certo grau de cultura que me deu ensêjo para glosar certas frases da minha allocução. Gostei de o ouvir e pensei

que estava ali uma creatura com certas qualidades de intelligencia e bons dotes de oradôr, mas sem condições de terlho não só devido á sua falta de preparação escolar, mas tambem ás suas atitudes de inconformismo que o tornam suspeito ao poder estabelecido.

Encerrou a sessão o presidente da Societ.^e que se congratulou com o terlho da sessão, q.^o agradeceu a m.^o comparencia e terminou por pedir ao vice-presid.^{te} do municipio para que, numa prox.^a reunião camarária, resolvessem por o nome de Rafael Dimentá a uma das novas ruas do Barreiro, como homenagem devida a um artista de valor que afinal os barreirenses não conheciam.

E assim se fechou a exposição que, dentro de moldes modestos, representou esforço de certa ordem e uma boa vontade que eu não calculava encontrar no Barreiro actual que, no fim de contas, não é só a vila revolucionaria que a actual situação afreça e que receia constantemente.

Ha certo tempo f.^o cá fomos, do Barreiro, uma outra ideia, bastante diferente de q.^o se forma vulgarmente. E por isso não tive devida, na m.^o allocução, dizer o que disse

em seu laivôr — e tanto que o tal indivíduo meim á chamada e deu rival de confusões.

Depois duma refeição em casa do engenheiro Mota Guedes a que presidiu a gentileza da esposa D. Maria Manuela, voltámos para Lisboa, ao cair da tarde, debaixo duma madrugada rija que fazia balouçar o vapor como em temporal desfeito. E assim passei um dia agradável e variado; e vim satisfeito também porque me pareceu sentir nos barreireiros com quem lidai certa simpatia, provavelmente originada nas informações do Manuel Cabanas e consolidada com a m.^a alocução cheia de boas palavras p.^a com a terra e de incitamento para com os artistas expositores — aparte a natural intuição de conformidade de ideias.

Guardarei o dia de ontem como um dia bom que merece ser marcado na m.^a vida tão monotona e insípida.

Paz : Maia.

Agosto : 4.

Regresssei hoje aqui. Nos jornais de Lisboa só hoje, no Seculo, encontrei noticia da sessão de domingo passado. O repórter bar-

reivense pediu-me o original da alocução para tirar notas. Eu confiei-lho e, na verdade, o homem compoz uma notícia correcta.

Foi a única q. vi. É certo que não copiei todos os jornais, mas é natural que não houvesse grande interesse em noticiar não só por se tratar do Barreiro como pelo facto de o organizador do certame

Foi encerrada a Exposição de Arte, no Barreiro

Foi encerrada a Exposição de Arte que esteve patente no salão de festas da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense (Os Penicheiros), a qual fazia parte do programa das comemorações do 83.º aniversário desta colectividade. Para o encerramento fez uma palestra o sr. coronel Belizário Pimenta, que foi apresentado pelo sr. Manuel dos Santos Cabanas, tendo presidido o sr. Joaquim da Silva Simplicio Junior, vice-presidente da Câmara Municipal. O sr. coronel Belizário Pimenta referiu-se às principais características do povo do Barreiro e fez elogiosas referências aos expositores, evocando a memória de seu tio, Rafael Idezio Maria Pimenta, nascido no Barreiro há cem anos e que durante vinte e três, até que a saúde lho consentiu, trabalhou na oficina de fotogravura do nosso jornal.

O presidente da direcção da Sociedade alvitrou que fosse dada a uma rua do Barreiro o nome de Rafael Idezio Maria Pimenta.

ser o Manuel Cabanas. Tudo é possível, os bastidores ficaram sempre obscuros.

Deixo, para lembrança, colada na pagina a notícia de O Seculo de hoje.

Paz : Mafra :

Agosto : 10.

Recebi hoje, remetido pelo Armando do Silva Pais, o n.º 168 do Jornal do Barreiro, do dia 6 do corrente.

Tem, na 1.ª pag.ª, um artigo do dito Silva Pais relativo a meu tio Rafael, com a trans-

criação de certo arbispo de meu tio acerca da gravura química publicado no Seculo em 1930. Faz-me referencias amáveis e junta a conhecida gravura que representa o arbispo junto da estátua de Diógenes.

Ora eu esperava ver noticia desenvolvida da exposição e da sessão de encerramento. Nada disso. Apenas na 2.^a pag.^a na secção Está semana aconteceu, num um paragrafo de modestas 24 linhas que menciona o «condiçquo fecho» á iniciativa dos Pernicheiros, com a minha conferencia^a 9. sumariamente aliada. Não ha duvida que não só a Sociedade não viverá mas boas graças das autoridades suas o nome do Manuel Cabanas e possivelmente o meu, afastarão as simpatias officiais a ponto de não quererem deitar foguetes.

Assim será.

Paz: Mafro:

Agosto: 15.

Neste dia lembrero - me sempre da velha festa da Senh.^a de Nazaré da Ribeira de Tradas, junto de Tavieiro. Já aqui tenho deixado, em outros anos, em ou outro tocado de jrosa com evocações desse dia, nos tempos em que

era novo e a festa, tinha carácter popular e simpático.

Hoje é tudo diferente. O dia é feriado nacional e dia-santo oficial em homenagem a mais um dogma. Essas varias festas tradicionais e alegres vão caindo tristemente perante as solemnidades eucarísticas e outras impostas pela nova orientação da Igreja.

Adiante. Pois não me esqueço desse dia 15 de Agosto, dia que em Coimbra se chama de Nazaré da Ribeira, dia em que a população trabalhadora acudia ao areal do Mondego com merendas alegres e no ar se viaam dezenas de papapais cada qual mais alto, a agitar o rabo de fencidos de papel.

Paz : Mafra :

Agosto : 20

cito aqui duas afirmações acerca do meu Cancion.º Popular de Mir.º do C.º. Poucos exemplares ainda ofereci, por isso não tenho recebido comentários. Apenas, por agora, merecem nota duas apreciações.

Uma de Rocha Madalil : « É um trabalho honesto de recolha de material e uma tentativa de apreciação de metodização que importa

ter presente para collecções idénticas, bem como para o futuro estudo de conjunto.»

A outra, a do velho amigo Luis da Silva Ribeiro, de Angra do Heroísmo: « Afinal, não é uma collecção de canções postas por ordem ou prior ordem. É uma verdadeira monografia etnográfica e histórica de Miranda do C.º feita em termos das canções e isso foi justamente o que me encantou pela originalidade do método e interesse que despertou. Excelente, e pelo trabalho o felicito.»

E ainda bem.

Par. Mafra:

Agosto: 21.

Como os honreiros do Estado-maior não atam meu desatam a respeito do meu trabalho acerca do Saldanha, resolvi escrever uma carta ao Barros Rodrigues. Ei-la:

«... Queira V... desculpar esta minha carta — talvez impertinente. Entreguei no Est. Maior em Outubro do ano passado, como V... sabe, um exemplar dactilografado dum trabalho meu acerca do marechal Duque de Saldanha, trabalho pelo qual V... não

amavelmente mostrou interesse. A demora no deferim.^{to} ou indeferimento do meu requerimento faz-me supôr que os relatórios regulamentares não sejam favoráveis, tanto mais que um dos officiaes encarregados da leitura (não sei se infringindo o sigillo diplomatario) me declarou pessoalmente e com leald.^e a sua discordancia ou opposição.

« Será, de m.^a parte inconveniencia, am. General, ou inconveniencia procurar saber se, na realidade o meu trabalho não é acci-
te? Como o tempo vai correndo e as vidas não são eternas, gostava, para meu governo, de ter qualquer elucidação. E queira V... desculpar. Prepito: não sei se nesta minha deligencia ha qualquer inconveniente; ha-
vendo-o, queira V... dar a carta como não escrita e desculpar o que é, etc. etc. »

Parece-me que está uma carta diploma-
tica, amavel mas, ao mesmo tempo, com certo tom de censura pela demora.

Esperarâmos, com paciencia, pela respos-
ta de Sua Excelencia o Chefe do Estado-maior
general. E depois resolverei.

Paiz : Mafra :

Agosto : 27.

Recebi hoje resposta do general Barros TEs. driques eu, por outras palavras, recebi carta do ajudante do d.º general eu que me comunica a resposta de S. Ex.ª.

É certo que ele tem m.º que fazer e muitas coisas que o prescrevem; mas naturalmente segue o sistema de lho de os generais communicarem com o respeitavel publico por intermedio dos seus ajudantes.

Mas adiante. Diz o cartaõ que o general « ficou incomod.º por verificar que as informações (...) não estavam completas » e que « julgava o assunto resolvido. D' ai o seu desgosto. » E termina por afirmar : « Já tomou as providencias necessarias para apresurar a soluçãõ do caso. » E com cumprim.º e desculpas, termina a missiva.

Quer isto dizer que os officiaes encarregados da leitura não fizeram grande caso da missãõ e foram deixando correr o tempo.

Quer-me parecer que se fosse encarregado de tal deligencia, sentir-me-ia honrado e procuraria cumpri-la depressa e o melhor que pudesse. Vejo, porém, que não

é esse o critério dos illustres officiaes do Estado
Maior. Tomam a missão por uma chum-
hada como hoje se diz.

Continuemos, pois, a esperar.

Paz : Maíra :

Setembro : 11.

Recebi hoje o n.º 172 do Jornal do Barrei-
ro de 3 do corrente no qual o Arnaldo Sil-
va Pais publica duas cartas de Joaquim Antó-
nio de Aguiar relativas a eleições no conce-
lho. As cartas eram dirigidas a Francisco Al-
ves Casal; ficaram na familia, guardadas,
até que m.ª Tia Suzana me as deu. Como o
Silva Pais procura fazer historia do Barrei-
ro, copiei as cartas e mandei-as ha tem-
pos para o caso que ele entendesse.

Foram apara publicadas, com alguns
comentarios e algumas referencias á mi-
nha pessoa que (diz ele) « ha pouco honrou
o Barreiro com a sua visita e uma muito
interessante conferencia... »

Este Silva Pais não parece má creatu-
ra, mas é ~~uma~~ dumma futilid. visivel
á prim.ª vista. Contudo trabalha com von-
tade e parece sincero nesse trabalho.

Par : Maфра.

Setembro : 12

Estive hoje em Sintra. No carro do Leis Kovas corremos parte da serra, através das matas de cedros e pinheiros que os serviços florestais têm lançado com persistência e certo bom gosto. Almoçámos num recanto sombrio prox.^o da Leminha, onde nunca fora, visitámos os Capuchos e terminámos a tarde por um chá com torradas num terraço em frente do velho paço real.

Dia bem passado, deve dizer-se — o que para mim é coisa exótica. Passar bem um dia é para m.^{ta} gente a banalidade mais deste mundo; comigo o caso é bem diferente, tristemente bem diferente, quer no aspecto moral quer no físico.

Contudo este dia 12 poderá ser marcado com pedra branca. Foi, enfim, um bom dia que aqui quero deixar assinalado.

Poderia alargar-me em períodos descritivos das belezas da serra; muitos tempos não fugiria á tentação de escrever a impressões com certos parmenones; mas agora essa tentação já me não acóde e apenas ficarei aqui dois episódios que mais me

deram no gôto e até pelo contraste, dois afi-
 rodios baiais p.^o quasi toda a gente mas que
~~me deixaram~~ me deixaram certa impressã.

Um foi a visita aos Capuchos, e
 ha muito já, arranjado com cuidado para
 prazer do forasteiro. A prim.^a mãe que ali
 estrei, ha coisa de 18 anos, notei a miseria
 do cenóbio e o exagero da penitencia; mas a
 visita foi feita a seguir a um almoço alegre
 dos Tenentes-coroneis que termináram o cur-
 so de baxias e o ambiente mereceu certos co-
 mentários baiais e alguns até maliciosos e
 não qualquer observação a serio.

Hoje, mais repensado e com outros olhos,
 o cenóbio pareceu-me, apenas, uma deturpa-
 ção das doutrinas evangelicas. E' necessario
 recorrer áquele isolamento e áquele rigor exa-
 gerado de disciplina, a um desconforto incu-
 celivel e a um desprezo pelo seu proprio ser,
 para agradar á divindade? Eubão para comu-
 nicar com Deus, todo bondade e todo perdão, é
 necessario viver entre fragas, dormir enco-
 thido em cima de corticas numas celas que
 pouco mais são do que gaiolas, comer herbas
 e raizes da terra; suportar o frio e as hu-
 midades das matas?

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA
Convento de Santa Cruz dos Capuchos



ENTRADA Nº 13839
PREÇO 1\$00

SÉRIE A

Nunca compreendi o valor do ascetismo e sempre tive, para mim, que estes nobilitas sofreriam de qualquer dano mental. Considerei, também, esse falado matér da renúncia como meio de conseguir a perfeição e confesso que não entendi muito bem.

Entfim, os homens que ali se enclausuravam estavam, evidentemente, no seu direito e eu, por mim, não quero contestá-lo. Porém, quero ter o mesmo direito de os classificar como criaturas inferiores que por incapacidade própria para o trabalho se refugiavam na ociosidade miserável, sem esforços que não iam além da conquista de uma

problemática felicidade por todos os seculos dos seculos.

É possível que este meu juizo seja excessivo e proveniente da m.^a incredulid.^e religiosa. Excessivo ou não, aí fica porque corresponde a impressões do momento.

O outro caso que me deu no gôto foi bem diferente, diametralmente oposto quasi. E aqui fica tambem.

Sobre a tarde, depois de umas horas passadas no bosque da mata, á sombra dos cedros entrelaçados, voltámos a Sintra para a trivial merenda ou chá das 5 e meia. Na praça central, em frente do palacio velho, umas explanadas regorgitavam de merendeantes e farrasteiros, á volta de mesas pequenas, que comeciam e bebiam com alegre garrhada. Com certa difficild.^e se encontrou mesa vazia; sentamos-nos, eu pedi o meu chá com torradas tradicional, os outros acompanhantes da familia pediram variados ingredientes; e marquei o bulicio alegre, com mulheres pouco vestidas e homens em camisa com a fralda de fora segundo moda recente, eu ia pensando no contraste entre os dois espectaculos: o do ascetismo estufido dos capuchos e o desta

barafunda cosmopolista; a manuação do pituencio entre brentas e esta algaravia belicosa em que se ouvia o francês, o inglês, o alemão e, evidentemente, o português...

Ora a certa altura da refeição dirigiu-se para uma mesa quasi junto da nossa onde estava um casal com dois rebentos, uma dama de meia idade, bem vestida, com ares pretenciosos e arraujo proprio para reubar anos. Foi recebida pelo casal com affectuosidade e sentou-se á mesma mesa familiarmente.

Notei a creatura. Pareceu-me um certo Tom solerano, maneiras de quem é alquem; gestos comedidos mas ~~com alguma~~ com alguma impouencia. E continuando a observa-la repariei no arraujo da cabeça, quer o do penteado aliás correcto, quer o da pele que se via bem estar sempre da frescura da mocidade. Depois, a certa altura, puxou dum cigarro e no proprio modo de fumar, de deitar o fumo do ar e sustentar a boquiha, deu-me a impressão de que esbudara ao espelho os movimentos tão bem ordenados e presumidos.

A ru.ª metá ctua Maria, deu com esta dama em certa occasião e disse ru.º naturalmente para a Mãe:

— Está ali a Sr.^a D. Olívia Guerra...

Era a D. Olívia Guerra a creatura que eu observava ha tocado! Vinha na frente a eseri-
vara e professora tão falada. Não ha duvida
de que alguma coisa havia a suas nestas dama
que a distinguia das outras: e essa alguma
coisa era, seu primeiro tyar o preteuciosis-
mo de maneiras e a garridice no trajar e
no arranjo do busto; e seu seguida o tom
de certa imponencia, raramente catêdratico,
com que falava, com que ouvia os companhei-
ros de mesa e com que firmava um cigarro
americano; e ainda a preocupação de fabri-
ficar a credida de idade com todas as subtile-
zas usadas p.^a distançar repas e para aumen-
tar o terilho dos olhos.

Leufim, dei o dia por bem empregado...
Conheci uma superiorid.^e feminina nas le-
tras, e laodimeci rormente não lhe falar porque
a converso deveria ser atraente, a avaliar pe-
las expressões que observava nela e pela reve-
rente atenção com que era ouvida.

E aqui fica uma confissão: sempre me
reubi atraído para essas damas sábias, não
sei bem porque; gostei sempre de falar com
elas, se bem que, malto a verd.^e, esse prazer

Veem rido, neste correr de setenta e tal anos,
desgraçadamente muito raro!

E é pena...

Paz: Mafra

Setembro: 19.

Passou hoje aí, no cruzamento das es-
tradas, o cirio da S.^a da Nazaré. Vinha de São
João das Lampas e ia, depois de 17 anos, para
o Solar da Abelheira. Costo deambularem de uma
zona fronteira na região certo entusiasmo e
movimento, embora hoje a festança se faça
com outros característicos.

Mas o que me leva a deixar aqui esta
nota é ~~o entusiasmo~~ a transformação que se
vai fazendo no sentido da aproximação do cul-
to à S.^a de Fátima. Parece que a Igreja por-
tuguesa pretende uniformizar todas as festas
e festarolas pelo modelo da Couso da Iria.

Quando senti o foguetário fui ao crua-
mento das estradas para ver. Muita gente da
vila de Mafra e dos lugares dos arredores. O
cortejo de acompanhamento^{to} consistia de mais
de 30 carros autónomos, umas caminhelas
de passageiros e até um belo breque puxado
a 3 cavalos, ajacizados á ambija, creio que

da direcção dos serviços flaresvais da Tapada.

Mas o que me deu no gôto foi o hino de Fatima cantado por um alto-falante armado numa fourgonette, em que um padre ia lançando no intervalo dos hinos e cânticos á S.^a de Fatima, certas frases de evocação á Senhora da Nazaré no mesmo estilo patético e implorativo que oigo através da radio nas procissões e festas aquela outra Senhora. Depois, as lóas que os papéis cantavam nas paragens com gestos ensaiados nas aldeias, mas com todo o pitoresco, eram recitadas, monotonicamente, de dentro da fourgonette, pela mesma voz das imprecções.

Depois ainda, quando o cortejo seguiu pela estrada da Moura abaixo, o mulherado tirou os lenços das algibeiras e malinhas de mão e fizeram o alarido dos adeuses, como em Fatima, quando a imagem milagrosa recolhe a capela das aparições.

Pareceu-me, pois, que ha uma tendência em, talvez melhor, uma ordem orientadora para reduzir os varios festejos a Virgem ao mesmo denominador — se é que esta expressão matemática se pode empregar neste caso.

É o pavor e' que esse denominador é a
tristura, o medo apavorante da morte, a im-
precação constante contra os males — tudo
isto materializado por uma voz cáua que os
alto-falantes tomam mais caua ainda, voz
quasi poluzante, propria p.^a impressionar
os espiritos timoratos e credulos.

Enfim, não tenho nada com isso. O que
fica escrito é apenas consequencia de obser-
vação casual. O resto e' com elles, e... com
elas. Heja saude!

Paz : Mafra

Setembro : 20.

O dr. Fernando de Castro Pires de Lima,
medico no Porto e creio que director do Museu
de Ethnografia da mesma cidade, soube por meu
relatario Henrique da existencia do Cancionei-
ro Popular de Miranda do C.^o e escreveu-me
a pedir um exemplar.

Eu já mencionei mandando-lhe um por
saber que ele se tem dedicado ao assunto com
certo interesse. O exemplar lá foi.

Ara hoje recebi os agradecimentos e
não quero deixar de notar os termos em que
ele os faz, porventura exagerados.

Diz ele: « Li com toda a atenção o livro
 "de V. e é com o maior prazer q. o felicito
 "pelo esmero do seu trabalho e pelo repôr
 "científico como o elaborou. Se todos os fol-
 "kloristas fossem como V. não estaria tão di-
 "minuída a ciência do Folklore que é na actua-
 "lidade preocupação constante das Nações
 "mais adelantadas. »

Repôr científico... Ora aqui está uma coi-
 sa que eu não imaginava ter o Caucioneiro.
 ainda bem. Ao menos, mathe-nos isso...

Paz: Maíra.

Outubro: 3

Setenta e quatro anos, hoje, meu mais
 meu menos. Que lhe hei-de eu fazer?

Para o ano, se for vivo, como é' ano
 jubilar, tencio fazer certos commentarios
filosoficos acerca de mi.^a vida. Um resumo,
 para concluir, afinal, que foram 75 anos
 errados e quasi inúteis; e para tirar outras
 conclusões não menos interessantes sobre
 a vida e sobre o mundo.

Pois vamos a isso. Daqui a doze mê-
 ses sairá o livro muito para ver... Por agora
 fico-me por aqui.

Apenas notárei uma lembrança que a mi.ª Netá Ana Maria teve. Queria presentear-me com qualquer coisa e pensou em um busto ou retrato do duque de Saldanha. Ela, coitada, sempre tanta vez falar, ca em casa, no zarapateiro marechal que me julga um aderadôr; daqui a lembrança que vem a ser, afinal, sensibilizadôra.

A Mãe dela, porém, doente como ainda, não estava em condições de percorrer alfarrateístas e ambíguarios; e assim fiquei sem essa recordação que seria comovedôra.

Vim aqui jantar com os Pais e alegrar o deserto... palácio.

Paz : Mafra

Outubro : 6.

Ha quarenta e tres annos... Estava uma manhã churvisquenta, aborrecida; caía grã de humidade fria. A certa altura, dos lados do bairro alto ouvi sons vagos de musica... Era a Portuguesa!... Lembas sempre era certo que a Republica estava proclamada?

Pelo bairro, silencio completo. Mas não havia duvida : era o hino revolucionario que se ouvia vagamente.

Não sei bem descrever a sensação que houve em mim. Nisto a campainha da porta tocou. Fui ver porque era a única pessoa da casa que estava a pé. Ao portão vi o rosto afogueado do neto amigo Hermenegildo Barja dos Santos que me gritou mal eu abri a janela: « Está proclamada a Republica! »

Desci os degraus do alpendre. Abracámos nos. Ele, um pouco corrubo, trazia lagrimas nos olhos. Contou-me que no Governo Civil o dr. Franc.º José Fernandes Costa proclamara a Republica no meio de grande entusiasmo; e com outro abraço lá foi pela rua abaixo, quasi a correr, p.º não perder as manifestações.

Eu fiquei-me a pensar... Hoje, á distancia de 43 annos, posso dizer que parece ter previsto o descalabro... Não senti a alegria que seria natural. Porque?... Não sei.

O que sei é que, daí a pouco saí e fui ao Governo Civil p.º cumprimentar o Fernandes Costa. Ao entrar no gabinete, as primeiras pessoas com que deparei foram tres dedicados monarchicos que na vespera pediam a cabeça dos revoltosos da Botunda. Já para virar costas quando dei com dois republi-

causos, a um canto, quasi recolhidos: meu tio Albino da Silva e o José Aug.^o Pereira de Vasconcelos. O medico Ant.^o dos Santos Silva meu antigo e antigo discipulo no liceu, feito secretario do Fernandes Costa eudava dum lado p.^a o outro...

Fiz os meus cumprim.^{to} ao Fernandes Costa que parece os recebeu friamente e voltei para casa.

E pronto. Aqui estão estas notas, a presen^{ça}, como recordações.

Tinha eu não tinha razão para não sentir alegria? Será o pessimismo do presente que me faz escrever isto?

Adiante.

Paz: Mafra.

Outubro: 12

Recibi um bilhete do Pires Monteiro no qual, a-proposito do In-vernariam de Manuel Monteiro que ele me emprestou e eu ha dias devolvi, me diz: «... Lembra o
"seu admiravel temperamento e exem-
"plar educação, mais de estudioso e sempre
"gente artista (como critico) do que comba
"tivo politico, a reacção politico-clerical

"mas causou o seguinte monumento,
 "um busto, que Braga, com o seu seguinte
 "mas aguerrido núcleo liberal e republicano,
 "the deu e alguns floures Bons do velho bur
 "go pensáram eripir. »

era de esperar.

Paz : Maíra.

Outubro : 16

Anda, para aí, grande entusiasmo en-
 tre republicanos por conta das eleições.

Para quê?

O que vale essa « liberdade » que o Pa-
 trão autoriza se ela não é mais do que no-
 va maneira p. apauhar impérios?

E depois, a luta começa com um dis-
 tú, direi-se que me parece algum tanto
 exquívito. A gente da situação actual pode
 dizer tudo o que lhe apetece; os outros têm
 de medir as palavras para não incorrerem
 nas sanções policiais

O Cunha Leal, ha dias, fez, ao microfo-
 ne do Radio-Club Parbupniês, uma palestra
 que, sem favôr, foi notável; tocou todos os
 pontos essenciaes do actual problema politi-
 co e fe-lo com certa elevação. O que é pena

é que todas essas verdades fossem ditas e muito bem ditas por creatura sem grande autoridade moral.

Com todas as suas qualidades de inteligência e de acção, a verd. é que o Cunha Leal não passa dum estafeteiro.

Continuarei a observar — e mais nada. Para que se me lutar com a Companhia de Jesus desde que se não corte bem noute a raiz?

Paz: Maia

Outubro: 30

O velho amigo José Carrillo Basto, de Miranda do Corvo, escreveu-me ha dias com o pedido de um artigo para certa obra que um sr. qualquer de Lisboa, de nome Luis Ferreira, vai publicar referente a todos os concelhos do País.

O pedido, porém, vinha em termos vagos; não atinei bem o que elle queria; solicitei explicações por memorizadas, para saber o que poderia fazer. E notei que, pela primeira vez, a Camara Municipal, se temera de mim para qualquer coisa relativa á historia mirandense.

Ora hoje chegam-me segunda carta de José Carrilo. Diz ele que a obra se intitula Um quarto de século de Revolução Nacional e que no arbitrio referente a Miranda deve haver uma grande parte histórica, além de outros elementos relativos á sua importância estratégica na defesa de Coimbra (sic) e ainda «o que o meu caro Belisario julgue de "suas" importancias.»

Fiquei quasi na mesma mas desconfiado com o título da obra. Que diabo tem os 25 annos de revolução nacional com as origens de Miranda do Carrilho, o seu desenvolvimento durante oito seculos, a sua importância estratégica, etc. ?

Terei de escrever ao autor da obra para que me dê os necessarios esclarecimentos; e se está fôr de exaltação ao chamado Estado Novo... que não para o diabo que os carregue.

Parece, nesta segunda carta de José Carrilo ha uma parte que me deu no zôto. No final diz: «Quando vier para Coimbra "desejava encontrar-me consigo... para "trocarmos impressões sobre a possibilidade "da publicação da sua obra sobre Miranda.»

Fiquei-me a olhar... Podia lá ser?
Então, ao fim de quarenta anos ha alguém
em Miranda que se lembra da m.^a obra?
Cabe ao José Carrilo a glória de tal lem-
brança?...

Ao mesmo tempo, com um pouco de
satisfação veio a tristeza: agora, é já tar-
de! Para ordenar, completar e dar ~~o~~
conjunto harmonico á pouca de elementos
reunidos, não só não tenho capacidade ou
resistencia mas também não terei vida q.
chegue. Ainda seria trabalho p.^a muito tem-
po, consultas nos arquivos, deslocações aqui
e além — e os meus 74 anos não dão já
o rendimento preciso.

O am.^o José Carrilo veio tarde.

Contudo, pensando, pode arranjar-se
ainda qualquer meio de dar razão a mui-
ta coisa. Quando me encontrar com ele,
expor-lhe-ei o que penso e o que, daqui
até lá, encontrar meethor para soluções, co-
mo, por ex.^o, a dos Anais propostos pela
barbárie de Rodrigo de Fouseca em 1847 sal-
vo erro. Vamos a ver se a boa vontade do
José Carrilo será capaz do milagre — mi-
lagre em que já não acreditava.

Quanto á obra do tal sr. Luis Ferreira que eu não sei quem é, não me decido sem esclarecimentos razoaveis. Vou escrever-lhe a pedir que me esclareça. O homem é funcionario da 1.^a Repartição do Governo Civil de Lisboa e por consequencia a obra de-me per de exaltação do Estado Novo.

Ver-se-ha.

Paz: Maia.

Novembro: 4.

O Luis Ferreira, autor da tal obra dos vinte e cinco annos de revolução nacional respondeu-me e amavelmente.

Na verd.^{de}, o trabalho é de levantar, ás claras, á accção das Camaras nos ultimos 25 annos; mas essa descripção é antecedida por uma « pequena resenha historica do "concelho." »

Vamos lá, pois, que o caso não é para grandes protestos. A pequena resenha historica não tenho duvida em fazer, por attenção p.^a com o velho José Carrilho; o resto não é comigo, eles que façam. E assim tudo se avança com honra p.^a ambas as partes...

Paz : Maíra.

Nouembrero : 7.

Recibi hoje carta do Americo Graças, actualmente chefe do Estado-maior da Região em Tomar. No final diz que se admira de o caso do meu Saldanha não estar já solucionado; e quer explicar a demora pelo facto de um dos officiais a quem o original foi entregue ser candidato a deputado.

É possível. Os fumos democraticos do candidato deueno sobrejôr-se á leitura dum cathamaço que lhe não merece interesse — quer intellectual quer pecuniario.

Continuarêmos á espera.

Cada vez que, em Lisboa, passo em praça do Duque de Saldanha e olho para a estatua do marechal em attitude movimentada ou dinãmica (como hoje se diz) penso nas voltas que o mundo dá...

Eu, já acusado no Ministerio da guerra como anarquista, fiz um trabalho quasi apologetico das qualidades militares do general; estes officiais de hoje, pilares do tradicionalismo e do autoritarismo, torcem o nariz á obra de exaltação dum grande chefe militar!

Ora não lá entender o mundo de hoje!
 Como tudo parece andar ao contrario do
 que andava ainda não há m.^{to} tempo!
 E cá fico á espera.

Paz : Mafra.

Novembro : 9.

As eleições lá se fizeram ontem, ardei-
 ramente segundo os jornais e com extra-
 ordinaria concorrencia de eleitores segun-
 do os resumos informadores.

A opposição foi ás urnas e conquistou,
 ná lá! uma votação com que eu não conta-
 va — pois sempre julguei que o governo
 desse ordem para serem escafotheados to-
 dos os votos contrarios.

Enfim, a barulheira da opposição serviu
 ás mil maravilhas para o estado do
 dar com todas as forças que o povo portuguez
 está com Salazar, e fazer constar no estran-
 geiro a retribuinte ritaria.

E no estrangeiro acreditarão em toda esta
 pantomime? Este mundo anda tão avaria-
 do que é possível que acreditem.

Um funcionario da Câmara de Mafra,
 homem serio, por cujas mãos passa sem-

pre o reconhecimento eleitoral do conselho, afirmou - que entem que não foram inseridos os nomes de todas as pessoas ~~que~~ conhecidas como antipatisantes com a actual situação politica, e que a eliminação aiuda foi grande e feita cuidadosamente para não escapar algum.

Pois o interessante é que entem, nas urnas, appareceram 180 votos da opposição. Quer isto dizer que a eliminação não foi sufficiente e que ha muito embuscado que só se manifesta ao abrigo do anonimato.

Enfim, não vale a pena commentarios. As coisas são o que são e contra a Companhia de Jesus não se combate facilmente. Isto de falar nos Jesuitas pôde parecer em mim uma ideia fixa; quem ler estas notas pense o que muito bem quizer - mas eu continuo na minha: a obra da Companhia negra não se combate com palavrado, é solida e pertinaz para ir abaixo com figuras de retórica.

O que serão as gerações futuras, á vista do que ai vai? O que será o mundo de amanhã se se continuar neste ritmo crescente e seguro?

Paz : Mafra :

Novembro : 15

Esta noite sonhei como em quasi todas as noites. Os meus sonhos são em regra confusos, ás vezes tendem para o pesadelo e raras são aquelles que sou capaz de reconstruir ao acordar. Mas o desta noite, por curioso, e por me ficar nitido quando acordei, merece que o mencione.

Um tribunal qualquer condenára-me á morte; as razões não ficaram claras mas a sentença era decisiva: morte por fuzilamento. Pareceu o Craueiro Lopes, ao uso das suas prerrogativas, comutar a pena, amavelmente, para a pena que nunca foi prevista nos codigos: a de não sair da m.^a casa de Coimbra, apenas com autorização de chegar ao portão de ferro — e mais nada.

Como diabo se architecta um sonho destes? Que diria a isto o rabio Freud se ainda fosse vivo e eu lhe podesse perguntar? Haverá no subconsciente o desejo de só viver na m.^a casa de Coimbra, sem sair de ao pé dos meus livros, dos meus merbetes, do ambiente, enfim, onde criei e enraizei os meus hábitos?

Digam os sabios da literatura, se souberem dizer. Eu limito-me a contar e por consequencia a pôr o problema.

Paz: Maфра.

Novembro: 17

Morreu ante-ontem o João de Deus Ramos. Quando ha mesas estive com elle no seu Museu-Escola, embora se queixasse de invalides, pareceu-me ainda com a mesma vivacida^o audaz, mantinha certo apuro fisico, o olhar era o mesmo olhar vivo e penetrante. Mas, afinal, elle tinha razão: a doença era implacavel, venceu a rija organisação que tinha e deitou-o a terra.

Raras vezes o encontrava, nos ultimos tempos; mas quando o acaso nos aproximava, elle tinha sempre pataunas amigas e levava a m.^a acção em 1909, sabro erro, quando pretendia fundar em Coimbra o primeiro Jardim-Escola. E ao despedir, dizia-me sempre:

— Olhe que eu não me esqueço do que Você fez e do que o Jardim-Escola lhe ficou devendo.

Eu, quando ele me dizia isso, tinha sempre que fazer o classico gesto de modestia...

Ara entem, ao ler a noticia da morte deste infatigavel lutador, passei pela memoria esse periodo passado ha quarenta e tal annos que eu creio ter deixado apontado nos cadernos anteriores. E senti-me impressionado, malta a verdade, com o desaparecimento de mais uma creatura da minha idade e do meu tempo.

Não sei se era sincera a demonstração de estima que ele me manifestava; o João de Deus Ramos ~~era~~ possuia temperamento rênco, pouco affectivo, preocupava-se, acima de tudo, com a realisação do seu sonho das Escolas Mousis e parecia-me que via nos outros mais os agentes e auxiliares da obra do que propriam^{te} amigos.

Pode ser que esteja a traçar juizo pouco exacto; mas era essa a m^a impressão que ficou dessa quadra trabalhosa de ha quarenta e tantos annos. Contudo, não quero deixar de aqui dizer que me impressionou a morte desse grande trabalhador que foi, sem duvida, ~~um~~ um sincero, pertinaz

e indefectível propugnador da obra caritativa de educação popular conhecida pelo Pai, amerosam.^{te} conhecida pelo bom poeta do Campo de Flores.

É um a menos. É para dizer tudo, é um a menos e dois que valem.

Lisboa:

Novembro: 29.

Ha uns dias em Lisboa. E ainda bem. Os barómetros desceram muito; o tempo modificou-se, chove bastante, muito desagradavel do sul, humidade — todo o sinal da aproximação do Inverno.

Isto, na casinhola da Paz, seria heráclito; grisaes por grisaes, até aqui.

Lisboa, na mesma. Pouco tempo ainda dispuz para o passeio classico na Baixa; mas a impressão manteu-se como nas outras occasões. A vida continúa falsa, com a mascara de seriedade, quer na politica quer na sociedade.

É ainda uma particularied.^{de} aliás antiga mas que eu agora notei com mais insistencia: o dominio do desporto sobre qual quer outra forma de actividade.

Nos electricos os jornais comprados e lidos são, em regra, os desportivos; as conversas que se ouvem versam sobre os desportos, em especial o foot-ball; ha um clima deusso de desporto que parece absorver todas as atenções.

Ante-ontem, fui ao Barreiro; á volta, no vapor, eu notei que quasi todos os passageiros tinham jornais, mas só meia-duzia tinham os modicosos, a grande maioria estava absorvida na leitura de publicações desportivas.

Na verd.^e o desporto e Talima são hoje os atractivos maximumos. E o Estado Novo promove o primeiro e promove por vias indirectas o segundo, para entreter o espirito publico amuamente e não lhe dar tempo de pensar noutros coiza.

E' a forma modernizada do panem et circenses dos Romanos. Com o desporto, com Talima e umas festas ou inaugurações de grande estilo, os nossos governantes não escondendo o resto... E o resto é que é o pior, o resto é que costumam esconder e fazer esquecer.

... Não fosse tudo isto obra da Companhia de Jesus!...

Listas

Dezembro : 1.

Dia de feriado de ... 2.^a classe. As adeus não são rigorosas. Muitos estabelecimentos estão abertos. De hoje a oito dias, porém, o feriado é completo : trata-se da Lusculada Couceiros e por isso a festa é de 1.^a classe.

Ontem, um vogal da direcção da Sociedade Patriótica 1.^o Dezembro disse-me que do ministério da presidencia veio ordem p.^a que a bandeira da Sociedade só se poderia içar no mastro da fachada da sede no dia de hoje; nos outros dias só poderiam desfraldar a bandeira nacional e a do Município Portuense. Esta ordem causou surpresa e certa indignação e foi explicada com duas razões : uma, a de costume espanhola do ministro Lumbrals; outra (que deve ser a verdadeira) a de não desagradar aos nossos amigos espanhóis.

De modo que a autorização para o dia de hoje, é dada porque não podia deixar de ser. Paris, no verb.^o, muito escandaloso que no dia prim.^o de dezembro a Sociedade não pudesse desfraldar a sua bandeira.

E assim vamos.